

**PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**

**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Dissertação de Mestrado**

**DIFERENTES INTERPRETAÇÕES SOBRE O RIO DA PRATA**

**QUINHENTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-**

**ARQUEOLÓGICA**

**Por**

**ANSELMO ALVES NEETZOW**

**Professor Orientador**

**Prof.Dr. Arno Alvarez Kern**

**Porto Alegre, Agosto de 2001**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

## **Introdução:**

O presente estudo, teve como estímulo inicial, o contato com a pesquisa em arqueologia e história durante o curso de graduação em história na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Os contatos interétnicos, assim como a região do Rio da Prata no século XVI, foram temas motivadores que proporcionou a escrita de uma monografia de conclusão do curso de bacharelado em história.

Os relatos do conquistador Ulrich Schmidell e do governador do Rio da Prata Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, são esclarecedores sobre a região platina da primeira metade do século XVI. As pesquisas arqueológicas sobre a mesma região nos fornecem dados e interpretações sobre o passado. A união desses dados, são o objetivo principal desse estudo a fim de demonstrar as trevas e as luzes sobre a região platina na época já mencionada. Para isso foram estabelecidos três capítulos para a busca desses objetivos.

O primeiro capítulo está centrado na história da conquista do Rio da Prata utilizando como estudo de caso os relatos de Ulrich Schmidell e do governador do Rio da Prata Alvar Nuñez Cabeza de Vaca. Com isso as visões dos autores estão intimamente ligadas ao período em questão, assim como, identificar as definições que são deixadas a partir dos relatos por eles escritos. Para tanto, a reconstituição histórica da Europa, assim como da América no período da viagem de Schmidell e seu encontro com Cabeza de Vaca torna-se de fundamental importância para a contextualização temporal e espacial que os conquistadores em questão estão inseridos.

O segundo capítulo, o relato de Utz Schmidl ou Ulrich Schmidell, será o ponto de partida. A partir do ponto de vista do conquistador mencionado torna-se possível, a descrição dos diferentes povos indígenas que viviam na América desde as margens do Rio da Prata até a cidade de Assunción. Sobre essa região, pesquisas arqueológicas foram realizadas e tornadas públicas. Possuindo-se posse desses dados, há a possibilidade de realizar o contraponto desejado.

O terceiro capítulo, o governador da província do Rio da Prata, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca no seu relato que se intitulou “comentários”. A trajetória e o contato com os índios são peças chaves para reconstituição da história do povoamento platino. A outra peça chave, no qual está sendo utilizada para essa reconstituição, são as pesquisas arqueológicas realizadas praticamente no mesmo espaço físico e publicadas para o livre acesso do público em geral.

Para tanto alguns pontos, desde já não podem ser deixados de lado, diacronias serão uma constante, pois um pesquisador do século XX, terá uma visão diferenciada daquele conquistador do século XVI. Essas diferenças não são somente devido a distância temporal entre eles, mas sim, o tipo de olhar de um cientista será bem adverso em relação ao vivenciado por uma pessoa da época em questão. O pesquisador terá objetivos traçados e questões a serem respondidas e, com isso, hipóteses a serem levantadas e sustentadas. Em contrapartida, o homem quinhentista terá outros objetivos, como por exemplo, manter-se vivo, buscar seus interesse materiais, espirituais entre outros

Enquanto um estudo científico o estudo das fontes, aparentemente distintas, sobre a região platina quinhentista deve ser observado que tanto o relato de Schmidell quanto o de Cabeza de Vaca foram escritas anos após os fatos se consumarem. Portanto tanto de um quanto de outro, estão mencionados aquilo que lhe foi lembrado, ou ainda, omitindo alguns dados para o leitor nos colocando apenas as visões próprias sobre os acontecimentos. Com isso, estando esse trabalho limitado a subjetividade dos autores sendo ele do século XVI ou XX, pois o contraponto está estabelecido entre os autores e suas visões, parafrasiando Geertz: 1978, são tartarugas de outras tartarugas.

Essa pesquisa está inserida em um contexto que deve ser explicitado. De acordo com Arno Kern: 1995, tanto a Arqueologia, quanto a História são ciências de certa forma afastadas, contudo estão compartilhando ultimamente de problemáticas e dificuldades em comum. As dificuldades são em relação a que o objeto de estudo, do pesquisador do passado, está muito distante do pesquisador. O contato que é estabelecido é tão somente os restos de uma realidade, seja ela impressa em um papel, seja ela retiradas do solo. As problemáticas em comum dessas ciências, estão no decorrer de suas pesquisas, pois estão sendo buscados verdades sobre o passado, que de nenhuma forma poderão ser totalmente reconstituídos devido a distância temporal entre o pesquisador e o seu objeto de estudo.

O presente estudo, está buscando a reconstituição do passado platino utilizando-se de fontes dessas ciências por isso, a resolução de questões que surgem são hora explicadas por uma, hora por outra demonstrando a flexibilidade do estudo científico. Em anos passados a ciência pretendia explicar as questões muito rigorosamente quase como um dogma. Nos dias atuais a ciência ainda possui o seu rigor, porém não mais enquanto dogma, mas sim, no

que diz respeito ao método utilizados pelos seus pesquisadores. No que se refere a ciência histórica ou arqueológica, possui o seu rigor principalmente para diferencia-las de textos meramente literários sem comprovação alguma, com isso, a seriedade da produção intelectual sobre o passado da humanidade está pouco a pouco sendo reconhecida como tal e cada vez mais distante daquilo que pode-se chamar de estória. Como não poderia deixar de ser diferente, existem limites nesse estudo, todavia a não poderia deixar de ser realizado. Os fatores limitantes, de certa forma, já foram comentados, porém cabe lembrar que em toda a ciência existem os seus limites e possibilidades que contribuem para a construção da ciência.

O presente estudo, está dirigido por esse viés que acabaram de ser explicitados. Pode se mencionar que toda a produção científica tem o seu propósito de existir então, conforme o dito anteriormente, a ciência do passado está flexível enquanto posições dogmáticas, portanto o rigor do método tem que ser respeitado, contudo, a inovação dos mesmos são uma preocupação permanente no pesquisadores atuais. Em suma, a metodologia recente e a construção de novas, faz com que esse rigor científico permaneça como um obstáculo a ser ultrapassado para a construção de uma ciência mais voltada a atender os anseios da sociedade.

## **Capítulo 1) América colonizada por europeus: pluralidade que convergem para algumas semelhanças.**

### **1.1) Introdução:**

O presente capítulo está centrado na história da conquista do Rio da Prata utilizando como estudo de caso os relatos de Ulrich Schmidell e do governador do Rio da Prata Alvar Nuñez Cabeza de Vaca. Como se tratam de um relatos do século XVI, algumas definições foram estabelecidas a *posteriori*, pelas ciências sociais como é o caso da palavra nação. Durante o século em questão a definição de nação, como é sabido, é bem diferente da dos dias de hoje, por isso, existe a discussão no tempo presente devido as várias definições. A busca de uma resposta a essa questão está intimamente ligada ao período em questão, assim como, identificar a definição que esses conquistadores deixam a partir dos relatos por eles deixados.

Na Europa dessa época a religiosidade cristã católica exercia muita influência sobre as pessoas sendo um reflexo da Idade Média, ou ainda, a continuação da mesma levando-se em consideração, outro marco histórico, como por exemplo, a reforma pombalina que vem a retirar os poderes da Igreja sobre o Estado diferente da conhecida queda de Constantinopla. Durante o relato de Ulrich Schmidell, repetidamente menciona a idéia de cristão que pode vir a auxiliar na sua aceitação no exército cristão espanhol, fazendo parte assim, da armada que veio para a América.

A conquista da América é marcada pelo contato entre etnias, porém não é esse o único período da história em que esse fato se dá. Em épocas anteriores, o contato entre etnias diferentes já havia ocorrido desde a história dos gregos, dos romanos, nas cruzadas européias a Terra Santa assim com muitos outros exemplos. A idéia do diferente já era conhecida contudo no século XVI a Europa não tinha o conhecimento do que era um grupo étnico, porém reconhecia o americano como diferente e interpretavam seus costumes aos moldes do que lhes eram conhecidos, podendo assim definir melhor o que é um europeu. Esse tipo de argumento é muito freqüente pois a possibilidade de reconhecer-se a partir do contato com o outro torna clara a idéia de si mesmo, por comparação, se utilizando da negação.

Os objetivos a serem alcançados nesse capítulo, são a busca por uma definição da palavra nação para o conquistador de origem germânica e cristão que está inserido no exército espanhol com a missão de conquista e ampliação dos territórios americanos para a Espanha. A sua aceitação no grupo europeu e sua constante busca de uma identidade também fazem parte dos objetivos. Para tanto, a reconstituição histórica da Europa, assim como da América no período da viagem de Schmidell e seu encontro com Cabeza de Vaca torna-se de fundamental importância para a contextualização temporal e espacial que os conquistadores em questão estão inseridos.

## **1.2) Carlos V Rex Imperator:**

A data do início da viagem de Schmidell é de 1534 e seu retorno em 1554. Estava ele a serviço do rei da Espanha que era Carlos V de Habsburg. Analisando o seu reinado, fica

claro um pouco do contexto no qual está inserido esse colonizador, que está sempre se auto afirmando em meio a tantas diferenças. Dessa pluralidade, a luta contra os muçulmanos invasores da Península Ibérica de 711 até 1492 é uma constante que acaba por influenciar na descentralização política, administrativa e cultural da Espanha.

O imperador Carlos V, durante o seu governo, encontra a Espanha com várias dificuldades, advindas de seus antecessores. Essas desavenças caracterizam-se nos seguintes aspectos: A população colocou muita confiança em seu novo governante acreditando que iriam ser atendidos os problemas castellanos.

Desilusões e revoltas surgem na Espanha, pois Don Carlos (futuro Carlos V) nascido em 1500, teve como modelo de criação o francês. O seu mentor procurou primar pela distância entre os súditos e o rei, não permitindo com que a política espanhola chegasse aos ouvidos do jovem príncipe (Lara: 1984).

Em 1519, Carlos V é aclamado imperador do Sacro Império Romano Germânico sendo sucessor de seu avô Maximiliano. O rei aceita essa nova condição tendo que viajar para tomar posse. A medida por ele adotada, em decorrência desse fato, é o aumento dos impostos indiretos para que possam ser utilizadas as riquezas do reino espanhol no financiamento de sua viagem. Esse fato, torna-se importante a medida que em, inúmeras circunstâncias, a cristandade e a Europa se confundem pois conforme Jacques Le Goff:

*"Qu'est-ce qui finit donc à notre époque? Il faut d'abord s'entendre sur les termes. `Chrétienté' est à bien distinguer de `christianisme'. Le christianisme constitue l'expression même*

*de la religion chrétienne; la chrétienté désigne l'ensemble des peuples et des institutions qui ont, géographiquement et historiquement, professé, étendu et défendu cette religion dans un esprit unitaire. Le terme d'Église - qui désignait à l'origine l'ensemble des chrétiens - se trouvant, lui, peu à peu réservé aux structures ecclésiastiques"<sup>1</sup> (Le Goff: 1998, p.8).*

Essa questão torna-se um tanto controversa, alguns autores (Hayes: 1946; Lara: 1984) afirmam que com esse fato surgem maiores distâncias entre os europeus do que o encurtamento da mesma. Em termos territoriais, Carlos V domina cerca de 1/3 da Europa,

por isso, os súditos também são ampliados. Com tudo, alguns de seus governados reconhecem o rei como imperador do Sacro Império, enquanto que outros, como rei de Castilla. Para nós isso torna-se aceitável e de fácil entendimento, mas a época é diferente assim como as pessoas e novamente se entra na questão de identificação de um grupo não como algo preestabelecido, mas sim, a circunstância que faz a identificação (Poutignat e Streff-Fenart:1998) e na Espanha, ocorrem protesto denotando essa tendência de distanciamento.

O regimento de Toledo reuniu os protestos contra Carlos V. Em suas reivindicações, reconhecem apenas o rei de Castilla, negando assim, o título de Imperador e no caso de sua ausência haveria de ser feita uma comissão de regência. A reação do imperador é enérgicas, ordena a execução de aproximadamente trezentas pessoas favoráveis a rebelião de Toledo.

---

<sup>1</sup> As idéias principais que o autor coloca são que cristandade é diferente de cristianismo. Le Goff diz que cristianismo é a expressão da religião cristã enquanto que cristandade designa a assembléia de pessoas e de instituições que geograficamente e historicamente professa entende e defende a religião com o espírito de unidade. Igreja, define o autor, designa a origem da assembléia de cristãos que se torna pouco a pouco a estrutura eclesiástica.

Os executados, são em sua maioria clérigos, letrados, artesãos, mercadores, cavaleiros e pequenos proprietários rurais e em número bem reduzido membros da aristocracia.

Outro fator desencadeador de dificuldades para o governo de Carlos V é Reforma Luterana, pois o rei pertencia a casa de Áustria, gerando desconfiança da população católica espanhola. Porém, o imperador sempre defendeu a religiosidade de seus súditos como afirma Manuel Tuñor de Lara:

*" La Reforma planteó a Carlos V un problema gravísimo; se trataba para él de conservar a la vez la unidad religiosa de la cristiandad y la unidad política del imperio. Logró más o menos el segundo propósito, pero fracasó totalmente en el primero. Dos etapas pueden señalarse en la política seguida com respecto a los protestantes alemanes: conciliación hasta 1541, ruptura después de aquella fecha" (1984, p. 191).*

Porém o imperador, como já mencionado, foi criado nos moldes franceses. Além do que a Espanha, tinha muito presente, os muçulmanos como maior perigo a religiosidade do reino. A essas acusações Carlos V estava seguro de sua posição de defensor do catolicismo contrariando as desconfianças populares:

*" No cabe duda de que Carlos V siempre consideró que la dignidad imperial le situaba por encima de las monarquías nacionales y le obligaba a velar por los intereses comunes de la cristandad frente a los avances turcos en Europa y en el Mediterráneo. Dos religiones universalistas se enfrentaban,*

*lo que entonces equivalía al choque de dos civilizaciones"*  
(Lara: 1984, p. 189).

O governante espanhol sempre procurou manter a paz com a França. O tratado de Noyon em 1516 é um exemplo, pois estavam em disputa (entre Espanha e a França) as regiões de Navarra, Borgonha e Itália. Com isso surgiu a rivalidade entre os dois países, acabando em intervenções militares que iniciaram no ano de 1521 e perdurou até 1529 com a assinatura de um novo tratado em que Carlos V renuncia a Borgonha.

Importante de ser destacado, é que Carlos V pertencia a dinastia dos Habsburg. A primeira vista isso não revela nenhuma dificuldade porém suas relações com a América e com os seus súditos espanhóis fica, de certa forma, abalada. Com a política de colonização do novo continente voltada para descoberta de ouro e de prata as ambições europeias se fazem presente. Evidentemente o comércio sofre um crescimento muito grande e na Espanha, com isso, mercadores de toda a Europa concentram suas forças para a servir de elo de ligação entre a América e o Velho Continente.

O rei Carlos V sempre deixou claro a sua preferência por mercadores de origem alemã (Arciniegas: 1941). Disso os mais favorecidos são os Welser. As primeiras notícias a respeito da participação desses mercadores junto ao rei espanhol data-se de 1528, quando Ambrosio Ehinger tornou-se governador da Venezuela. Denúncias de corrupção entre Ehinger e Welser começam a surgir no ano anteriormente mencionado. Com a eleição de Ehinger como governador todo um aparato burocrático se faz presente, inclusive a Igreja

envia Dom Rodrigo de las Bastidas como arcebispo sendo esse quem fez as denúncias de corrupção.

As denúncias contra Ehinger e Welser feitas por las Bastidas são as seguintes: Os índios estavam sendo muito mal tratados além de serem vendidos como escravos. Esse sacerdote sempre foi um defensor dos índios, por isso, sua indignação. Outra denúncia feita por las Bastidas é que Ehinger tirou de sua expedição (de las Bastidas) cerca de 10.000 pesos e Federmann (funcionário de Welser) outros 3.5000 além de que os Welser jamais haviam pago os impostos venezuelanos.

Esse “favoritismo” pelos mercadores de origem alemã, deixa claro a tentativa de unir as diferentes etnias européias que estão subordinadas a um mesmo senhor. Conforme a nomenclatura existente na historiografia indica Carlos V do Sacro Império Romano Germânico e o mesmo rei com o nome de Carlos I de Castilla. Essa diferenças é que marcam a época em questão assim como, inúmeras rivalidades provenientes desse tipo de pluralidade que, de certa maneira, encontra traços em comum sendo esses a religião, os interesses econômicos e ser súdito de um mesmo soberano.

### **1.3) Ulrich Schmidell o soldado:**

*Esse distinto soldado que surge em meio os espanhóis, como é sabido, não é o único não espanhol nessa viagem comandada pelo Capitão Geral (Capitán General) Don Pedro*

*de Mendoza*<sup>2</sup> “(...)Allí mismo estuvieron también dos mil quinientos españoles y ciento cincuenta alemanes del Sur, flamencos y sajones (...)” (Schmidell: 1986, p.25). As fontes escritas<sup>3</sup> são controversias enquanto ao número de estrangeiros, porém o fato é que além de espanhóis outros europeus serviam a coroa Espanhola. No caso desse estrangeiro ser um alemão<sup>4</sup>, existe uma explicação para aceitação no exército espanhol. O conhecimento e o manejo do arcabuz era relativamente pequeno na Espanha em relação à outros países da Europa. Os soldados alemães estavam melhor preparados no manuseio dessa arma, “(...) Por esa razón se dice que el sargento Ulrico Schmidl acompaña a don Pedro de Mendoza en su viaje de descubrimiento al Río de la Plata, como ‘técnico arcabucero’<sup>5</sup>.”

*Don Pedro de Mendoza, cavaleiro de Guadix era um homem de muitas posses. Tinha como parentesco Doña Maria de Mendoza casada com Don Francisco de los Cavos a quem o rei tinha muito apreço.*

*Além disso, no ano de 1527 sob o comando do condestavel de Bourbon participou do saque a cidade de Roma. Nessa ocasião, Mendoza acumulou grande riqueza devido a forma de pagamento aos soldados que era o acúmulo dos bens pilhados. Importante de ser destacado é que nessa pilhagem existiam inúmeros alemães e a forma de pagamento era a mesma.*

---

<sup>2</sup> “(...) ...españoles y ciento cincuenta alto-alemanes, neerlandeses y austríacos o sajones.”(Arciniegas: 1941, p. 161-162).

<sup>3</sup> AGUIRRE: 1917, BENITEZ:1985, CHAVES:1968, entre outros.

<sup>4</sup> Ao denominar Schmidell de alemão algumas considerações serão feitas mais adiante no presente capítulo.

<sup>5</sup> ARCINIEGAS, German **Los Alemanes en la Conquista de América**. Buenos Aires: Editorial Losada, S.A, 1941, p.88.

*Com tudo Mendoza se torna Governador e Capitão Geral do rei sob a autorização de seu aparentado Don Francisco de los Cavos no qual foram tecidos alguns termos. Deveria ele, servir para o maior crescimento das posses da coroa de Castilla na América, conquistar e povoar do Rio da Prata estabelecendo o limite de 200 léguas da costa do chamado mar do sul onde já haviam marcas deixadas por Don Diego de Almaro. O cargo de governador e capitão geral era vitalício cujo salário (se é que assim pode-se dizer) era de 2.000 ducados de ouro e outros 2.000 como ajuda de custo. Esse ordenado deveria ser a ele pago a partir do momento que a vela principal fosse estuada no porto de San Lúcar. Outro dever, era de nomear intendentés de justiça além de outros direitos que a isso estão acarretados. Nesse contrato, aparece pequenos resquícios medievais pois, e finalizado com a obrigação do juramento de vassalagem e fidelidade ao rei Carlos V e a religião católica.*

*Como toda a campanha de conquista, envolve-se em hierarquias militares com isso, são recrutados para cargo de mando: Don Diego de Mendoza (Almirante), Juan de Osorio (Capitão de Infantaria), Luis de Rojas y Sandoval (Sargento Maior), Juan de Ayolas (Alguacil Maior). Haviam também cargos burocráticos como: Gutierre Laso de la Vera (veedor), Juan D. Cáceres (contador), Gonzalo de Alvarado (tesoureiro) e Don Carlos De Guevara (factor). A esses deveria ser pago por ano o valor de 130.000 maravedís do a terra produzisse “o valor do maravedí variou bastante e muitas vezes não passava de uma divisão imaginária de moedas maiores, durante longo período não havia moeda de maravedí em circulação”<sup>6</sup> por isso, a coroa lhes concedeu 2.000 ducados de financiamento.*

---

<sup>6</sup> BETHELL, Leslie **História da América Latina volume II América Latina Colonial**. São Paulo: Edusp, 1999, p.13.

Nessa armada vieram padres como capellanes da ordem de São Jerónimo. Interessante ao serem relatados os clérigos é a missão no qual estão inseridos. A viagem de Don Pedro de Mendoza foi data no ano de 1534, e os clérigos vem para a eleição do Adelantado e a conversão dos índios e ter o cuidado de bons tratos para com os americanos por parte dos europeus (Aguirre: 1917). Além das obrigações já citadas essa armada tinha como meta principal a tomada de posse das terras para a coroa espanhola.

Conforme é conhecido pela historiografia os reinados da Espanha e de Portugal estavam em plena disputa por territórios americanos na época em questão. Em torno do ano de 1527, Sebastián Caboto e Diego Garcia navegaram pelo rio da Prata, causando um estreitamento nas demarcações territoriais, feitas pelos países em questão, na América. A medida tomada pelo rei português João III, foi de enviar Martín Alfonso de Sousa para fazer uma feitoria no Rio da Prata e proteger Pernambuco dos ataques Franceses<sup>7</sup>. Com isso em 1531, Alfonso de Sousa sai do Rio de Janeiro para executar as ordens do rei, porém não chegou a seu destino. Enquanto isso, na Europa as coroas portuguesa e espanhola após longa discussão chegam ao consenso de que as terras platinas são de propriedade da Espanha. A partir desses acontecimentos é que se dá início a formação da Armada de Don Pedro de Mendoza.

Essa mesma expedição, contava com outro auxílio, que pouco é mencionado pelas fontes e pela historiografia, que é a presença de mulheres. Essa pouca referencia é devido a não oficialização da presença feminina pois estavam “interditas de passar a América a fim

---

<sup>7</sup> CHAVES, Julio Cesar **Descubrimiento y conquista del Rio de la Plata y el Paraguay. Vol. 1 de la Historia General del Paraguay.** Asuncion: Ediciones Nizza, 1968.

de evitar ‘daños y inconvenientes’, conforme a letra da lei proibitória”<sup>8</sup>. Em uma carta à princesa governadora Doña Juana Isabel de Guevara faz o seu relato:

*“(…) Vinieron los hombres en tanta flaqueza, que todos los trabajos cargavan de las pobres mugeres, ansi en lavarles las ropas, como en curarles, hazerles de comer lo poco que tenian, alimpiarlos, hazer sentinela, rondar los fuegos, armar las vallestas, quando algunas vezes los yndios les venien á dar guerra, hasta cometer á poner fuego en los versos, y á levantar los soldados, los questavan para hello, dar arma por el campo á bozes, sargenteando y poniendo en orden los soldados; porque en esta tienpo, como las mugeres nos sustentamos com poca comida, no aviamos caydo en tanta flaqueza como los hombres”<sup>9</sup>.*

Nesta mesma carta, está uma petição de repartimiento a seu marido além de outras atividades realizadas pelas mulheres. Outra informação contida é que Doña Guevara, participou da expedição chefiada por Don Pedro de Mendoza. Por se tratar de petição torna-se evidente que alguns exageros serão emitidos pela interlocutora, porém os feitos de alguma forma terão a sua veracidade. Importante de ser destacado é que em nenhuma outra fonte, selecionada até então, menciona a presença feminina. Esse dado torna-se muito relevante a medida em que outras armadas de conquista e colonização não havia a presença

---

<sup>8</sup> GUIMARÃES, José Pinto **O Paraguai**. Lisboa: Livraria Bertrand, 19?, p.64, além de outras indicações como: Schávelzon, 1999 e Chaves, 1968.

<sup>9</sup> Carta de doña Isabel de Guevara á la princesa gobernadora doña Juana, exponiendo los trabajos hechos en el descubrimiento y conquista de Rio de la Plata por las mugeres para ayudar á los hombres, y pidiendo repartimiento para su marido. Asuncion , 2 de julio de 1556. In: **Biblioteca de Autores Españoles desde la Formacion del Lenguaje Hasta Nuestros Dias. (Continuación) Cartas de Índias vol.II, Tomo CCLXV**. Madrid: Ediciones Atlas, 1974, p. 619.

de padres e mulheres. Pode-se interpretar como um evento muito bem pensado não apenas uma expedição na nova terra, mas sim ocupação da mesma visando atender as expectativas que foram relacionadas nos contratos.

Conforme estava explícito no contrato de Pedro de Mendoza seu cargo era vitalício. No relato de Schmidell assim como em outras fontes, um fato importante aconteceu que é a morte do então governador e capitão geral. Durante a exploração da terra nova, a aproximadamente 84 léguas de Buenos Aires rio Paraná a cima cerca de 400 homens iniciam outra busca por indígenas denominados Timbues<sup>10</sup>. Nessa viagem estava Don Pedro de Mendoza com uma doença então desconhecida pelos espanhóis pois, não conheciam os remédios da região sofria de febre alta e dores pelo corpo tanto que ao ser colocado na canoa de volta a Buenos Aires, não podia mover os pés nem as mãos e morreu no navio em que o levava para Espanha, tendo como sepultura, o imenso azul do oceano Atlântico.

Devido a isso a hierarquia se modifica em pouco, na cidade de Assunción o então Alguacil Maior Juan de Ayolas é nomeado capitão geral logo abaixo dele estaria Domingo Martínez de Irala, apesar de outra tragédia, a sorte estava ao lado desde último. Contudo, não somente a sorte faz com as coisas mudem tornando Irala mais poderoso politicamente. Ayolas após estar entre os paiaguás conhece mais dois grupos indígenas chamados naperus e peysennes (Schmidell: 1986), no qual foram muito bem recebidos e alimentados. Ao retornarem a Assunción dois grupos indígenas naperus e paiaguás, em aliança, os encurralaram e mataram a todos. Irala não quis acreditar no acontecido até que um alferes

lhe trouxe um índio paiaguá que negou o fato, porém sob tortura<sup>11</sup>, confessou o acontecido e esse, por sua vez, sofreu a punição de ser amarrado em uma árvore e queimado.

Desse fato se desencadeia uma série de outros que são de fundamental importância o entendimento da identificação de Schmidell como um diferente em torno de outros tantos. O cargo de governador e Adelantado é concedido a Domingo Martínez de Irala, no qual teve início a uma série de intrigas políticas e administrativas entre ele e Alvar Nuñez Cabeza de Vaca que deverá tomar posse em nome do rei. Portanto, um eleito na América e o outro tendo mando provindo do rei de Espanha. Por se tratar de dois concorrentes, houveram aqueles que se aliaram um e a outro. Schmidell deixa claro a sua preferência que será melhor especificada mais adiante.

#### **1.4) Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e Domingo Martínez de Irala: Governantes em disputa.**

O nome de Cabeza de Vaca não foi escolhido por Carlos V em vão. Como é sabido, esse já esteve na América em uma ocasião anterior sendo essa uma razão primordial para o seu cargo de governador capitão geral. Ao ter contato com os espanhóis inicia-se uma troca que deveria ser aceita e pacífica mas não foi tão simples conforme será demonstrado a seguir.

---

<sup>10</sup> Esses dados são fornecidos por Schmidell 1986.

<sup>11</sup> A confissão do índio *paiaguá* foi induzida podendo ela ser verdadeira ou não, porém não é lícito entrar nessa questão para não emitir juízo de valor aos atos cometidos no passado por esse ou aquele grupo de pessoas.

No de 1527 inicia-se a primeira viagem de Cabeza de Vaca à América. Nessa primeira expedição, foi percorrido por esse espanhol, os atuais estados da Florida, Texas nos Estados Unidos e boa parte do norte do México. Essa longa caminhada é devido ao naufrágio ocorrido na Florida. Após ter percorrido cerca de 18.000 quilômetros chega ao México 10 anos depois de sua partida, portanto, em 1537 é que tem a oportunidade de retornar a Espanha.

Esse cavaleiro de Espanha teria uma nova missão a cumprir na América a mando do rei Carlos V. Alguns anos mais tarde de sua chegada a Espanha, se apresenta a nobreza para novo investimento da coroa que segundo Aguirre: 1917, em Madrid no dia 15 de abril do ano de 1540 Cabeza de Vaca recebe o título de adelantado do Rio de la Plata. O aparato burocrático da Espanha criou uma série de mandos em relação a missão do novo adelantado que são as seguintes:

Conforme contratado anteriormente Don Pedro de Mendoza, Juan de Ayolas era seu substituto. Todavia a coroa espanhola não estava certa da morte desse último, por isso, que a princípio o cargo ainda pertenceria a Ayolas, mas estando ele morto, Cabeza de Vaca seria seu sucessor. O reinado espanhol estando consciente das dificuldades na América enviou cavalos, armas, munições, vestimentas, mantimentos e outras necessidades para que os peninsulares na América permanecessem e com isso, foram gastos cerca de 8.000 ducados. Se por ventura Juan de Ayolas estivesse vivo Cabeza de Vaca seria seu tenente governador. Estando ele morto e os capitães da armada de Don Pedro de Mendoza escolhido um sucessor esse, por sua vez, deveria entregar o mando assim como toda a justiça civil e criminal.

Anteriormente foi mencionado que essa troca de comando foi não pacífica devido a ocorrência da prisão de Cabeza de Vaca. Desde a chegada à América, pela segunda vez, extravagâncias são cometidas por Cabeza de Vaca e como não poderia ser diferente seu oponente Irala não ficou para trás. Em relação a estas atitudes dos governadores Schmidell revela a baixa moral que Cabeza de Vaca tinha para com os soldados no qual comandava.

Em uma expedição comandada pelo capitão Hernando Rivera, no qual Schmidell esteve presente e vez o relato, deveriam avançar uma jornada além do grupo indígena denominados de jarayes e regressar a Assunción. O governador e capitão geral também ordenou que ao encontrar esse grupo deveriam, os espanhóis, permanecer no máximo dois dias entre eles antes de retornar.

Para essa entrada, foi utilizado um navio com 80 homens<sup>12</sup> e navegaram pelo rio Paraguai a cima. A caminho dos jarayes, Schmidell relata o contato com dois outros grupos os guebecusis e achkares. Ao finalmente encontrar o grupo, ao qual estavam procurando, esses por sua vez notificam aos europeus a existência de outro grupo o das amazonas que segundo as descrições seriam iguais ao mito já conhecido de nós. Importante de ser destacado, são algumas informações que Hernando Rivera<sup>13</sup> acrescenta em relação as amazonas. Rivera revela outra informação que era preciosa para os europeus pois, no seu relato explica que os mesmos índios que descrevem essas mulheres, afirmam também que essas possuem o metal branco e amarelo (prata e ouro respectivamente) em tamanha

---

<sup>12</sup> Esses dados estão contidos no relato de Schmidell: 1986.

abundância que os assentos e as alfaias eram feitas desses metais. No presente século, havia também, outro interesse em relação ao indígena por parte dos colonos europeus que não pode ser deixado a margem das análises de tais acontecimentos. A utilização do índio como mão-de-obra e de defensores do território era uma realidade da época<sup>14</sup>. Por isso as expedições de reconhecimento da terra recentemente descoberta, o contato com índio e a busca por metais preciosos é que lhes irão movimentar as “aventuras” dos europeus que embaídos e muito ansiosos por ver e descobrir tais grupos pedem auxílio aos jarayes de como encontra-las.

Os índios responderam que nessa época do ano, o acesso é muito difícil devido ao alagamento da região. Os espanhóis não deram ouvidos e pediram ao cacique alguns índios para lhes servirem durante essa jornada. Schmidell relata o acontecido com muitos detalhes pois, passaram cerca de 1 mês caminhando com água na altura dos joelhos as vezes pela cintura e sofrendo de fome, sede e ataque de insetos. Schmidell, afirmou que não tendo nenhuma água para beber, tiveram que satisfazer a sede com o próprio alagamento, não era rara aso vezes, que ao fazerem fogo em cima de algum galho ou pedra esse caia na água desperdiçando a comida que estava sendo preparada. Nessa jornada encontraram os chamados siberis e os orthueses que ajudaram os europeus e deram-lhes alguns presentes como plaquetas de ouro, argolas de prata, tecidos e roupas confeccionados por esses grupos. Em um determinado momento os europeus decidem retornar desistindo de conhecer as amazonas ou por estarem satisfeitos com os valores ganhos ou por indisposição a

---

<sup>13</sup> HERNÁNDEZ, Pero **Relato de Hernando de Rivera** In: VACA, Cabeza de **Naufrações e Comentários**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

<sup>14</sup> GOMES, Mercio Pereira **Os índios e o Brasil. Ensaio sobre um holocausto e sobre um nova possibilidade de convivência**. Petrópolis: Vozes, 1991.

permanecerem andando na água. Podendo ser uma junção dessas duas hipóteses pois, no relato Schmidell não deixa claro as razões da desistência.

Dessa decisão é que se dá início as disputas e atropellos dos já mencionados governadores do Rio de la Plata. Os soldados comandados pelo capitão Hernando Rivera, retornaram ao navio e assim desceram o rio Paraguai para ir ao encontro de Cabeza de Vaca na cidade de Assunción. Esse último ordenou que desembarcassem todos imediatamente sob pena de morte àqueles que desobedecer, fez Hernando Rivera prisioneiro e recolheu todos os valores que os soldados haviam ganho dos índios.

Os soldados se revoltaram com a decisão do governador e capitão geral e exigiram a devolução dos pertences e a liberdade de Hernando Rivera. Cabeza de Vaca cedeu aos amotinados, porém Schmidell em algumas passagens de seu relato deixa claro o descontentamento dos soldados para com esse governador.

*“(...) Allí, nuestro capitán general volvió a enfermar de fiebre y quedóse catorce días en casa, más por picardía y soberbia que por enfermedad, ya que él no les agradaba a los soldados, ni se mostraba para com ellos como es debido (...) tal hombre le conviene preciase y mostrarse más discreto y entendido que aquellos a los que tiene que gobernar, si quiere ser repetado. (...) se hinche de soberbia y desprecie a los demás. Pues todo capitán es recibido por sus soldados y no los soldados por su capitán” (Schmidell: 1986, p.75)*

Nesse trecho selecionado, fica evidente a o descontentamento e o autor ainda discute sobre a capacidade intelectual do governante além da falta de persuasão. Schmidell ao levantar tais acusações critica o método que Cabeza de Vaca que se utiliza para exercer seu mando indicando um certo “estrelismo”. Na última frase do trecho citado, pode ser entendido sobre duas perspectivas diferentes. A primeira delas, nos remete a uma hierarquia respeitada no qual os soldados acatam as ordens superiores e recolhem –nas desta forma. A segunda é o esforço de alguém, enquanto oficial superior, para ser reconhecido como tal, todavia isso não se observa e os comandados comandam o comandante.

Essas extravagancias cometidas por Cabeza de Vaca de certa forma tem motivos para serem cometidas, pois quando o governador chega na América recebeu, ainda na ilha de Santa Catarina, o relato de aproximadamente nove espanhóis que revelam como Juan de Ayolas foi morto:

*“(...) Este então contou que o massacre se deu por culpa do biscaio chamado Domingo de Irala, a quem Juan de Ayolas havia deixado como capitão e encarregado de cuidar dos bergantins enquanto ele iria descobrir os povoados do interior da província. Todavia, esse Domingo de Irala se retirou com os bergantins antes do retorno de Juan de Ayolas, deixando a descoberto o porto de Candelária. Assim, quando Ayolas chegou com sua gente ao porto, não encontrou os bergantins para recolher e foi massacrado pelos índios”. (Cabeza de Vaca: 1999, p.153)*

A partir dessa revelação, de certa maneira, se justifica o comportamento do governador que vê seu poder constantemente ameaçado e tendo que cumprir ordens com as quais comprometeu-se. As denúncias desses espanhóis seguem:

*“(...) Domingo de Irala também se retirara de uma entrada na qual morreram sessenta cristãos de enfermidade e mau tratamento. Além disso, os oficiais de Sua Majestade que residiram na província faziam muitas ofensas aos espanhóis povoadores e conquistadores e os índios (...) estavam muito descontentes e alvoroçados (...) resolveram furtar um batel no porto de Buenos Aires e fugir (...)” ( Cabeza de Vaca: 1999, p.154).*

Conforme fica explicitado, a intriga está armada, pois a aparente inocência de Domingo de Irala é colocada a prova com esse tipo de denúncia. A disputa política pelos cargos de mando no Rio da Prata, torna-se cada vez mais conturbada pois, a solução que é dada a essa disputa é de que os grupos de apoio aos concorrentes tomam suas posições para deixar com que o rei Carlos V fique sabendo de que maneira está sendo levada adianta o seu projeto de conquista das americanas.

No ano de 1544 inicia-se um outro motim desprezando por completo a autoridade de Cabeza de Vaca entre os peninsulares que estavam na região platina. Segundo Schmidell, os europeus conquistadores realizaram um conselho no qual o contador Alonso Cabrera, o tesoureiro Francisco de Mendoza e o secretário García Vanegas decidiram prender o

governador e envia-lo a Carlos V. No mês de abril de 1543 esses funcionários e mais 200 soldados puseram em prática o decidido. Para ter a aceitação da população local, os conspiradores começaram a espalhar o boato de que o Cabeza de Vaca iria confiscar as terras, fazendas, casas e índias repartir somente com aqueles que participaram de sua entrada até o grupo do surucuis. Evidentemente tendo o apoio da população o motim torna-se mais fácil de ser realizado. Klaus Wagner, tradutor dos relatos de Schmidell editado no de 1986, discute a data do acontecimento afirmando que esse se deu no dia 25 de abril de 1544.

Para tornar a explicação mais clara, utilizando-se do dito popular, que afirma que uma moeda tem dois lados porém na história, as vezes, essa moeda pode vir a ter inúmeros lados deixando de lado, vale a redundância, a monocausalidade e cada vez mais explorando a policausalidade. Já que até então estava sendo mostrado Cabeza de Vaca como um governante desacreditado por seus subordinados e com isso cada decisão, por ele tomada, passível de contestação é que se criam os confrontos entre os seguidores de Irala e de Cabeza de Vaca.

Como não poderia deixar de ser, existem controversas porém reveladoras em relação a essa moeda multifacetada. Durante esse período, em que o governador nomeado pelo rei estava preso, existiram várias denúncias de atropellos cometidos por Irala em seu governo no Plata.

*“(...) tenían por enemigos; y luego mandó prender y desarmar á todos aquellos que en favor del gobernador y en*

*serviçio de V.M. se mostraron, y otros, de verse tan perseguydos, se absentavan desta tierra y se yvan á los yndios, de cuya cabsa los yndios matavan; y desta manera anduvieron y los tratavan, á los servian á V.M., todo el tiempo que tuvieron preso al governador”.<sup>15</sup>*

*Iniciam-se as denúncias, deixando claro que em seu comando Irala mostra a todos a seguinte frase conhecida de nós hoje em dia “quem não está comigo está contra mim”<sup>16</sup>. Existe comprovações sobres essas afirmação em relação ao tipo de pagamento que era dado por Irala a determinado tipo de serviço e quem o executou. Conforme indica Bartolomé Garcia<sup>17</sup> essa diferença era vista a olhos nus, porém não havia, autoridade judicial que pudesse reverter esse quadro. Como se trata de duas pessoas em disputas e seus respectivos “aliados” torna-se evidente que em alguns casos, que não haverá a satisfação mútua de todos os envolvidos, principalmente no que se trata de privilégios e remuneração:*

“(…) Domingo de Yrala, lo qual puso muy gran confusion, así en los naturales españoles que el serviçio de V.M (...) luego repartió la tierra y servicio de los naturales della, tomando para sí y para quatro yernos que tiene, y dando á los quatro oficiales de V.M todo lo más y mejor de la tierra; y lo demas repartió entre sus amigos y apaniaguados y

---

<sup>15</sup> Carta del clérigo presbítero Antonio D’Escalera al Emperador Don Carlos, refiriendo los atropellos cometidos com el governador Alvar Núñez Cabeza de Vaca, y los abusos ejecutados en los naturales del Rio de La Plata. Asuncion, 25 de abril de 1556. In: **Biblioteca de Autores Españoles desde la Formacion del Lenguaje Hasta Nuestros Dias. (Continuación) Cartas de Índias vol.II, Tomo CCLXV.** Madrid: Ediciones Atlas, 1974, p. 586.

<sup>16</sup> Não há nenhuma confirmação de que Irala teria dito essa frase, porém me utilizo da mesma para melhor exemplificar o que ocorria nessa disputa política.

<sup>17</sup> Carta de Bartolomé Garcia al Real Consejo de Yndias, en la que se queja de lo mal que el governador Domingo de Irala habia recompensado sus servicios, de los cuales acompaña una Memoria. Asunción, 24 de junio de 1556. **Biblioteca de Autores Españoles desde la...** Ibid, p. 600.

entre estrangeiros, así franceses como italianos, como venecianos y genoveses y otras naciones fuera de los reynos de V.M (...).<sup>18</sup>

*Ao contrário do que se pensava a má conduta não era somente em relação aos índios mas sim aos cristão também, porém os naturais da América não estavam isentos dos abusos:*

*“(...) Domingo de Yrala, que mandava, para hazer y sustentar lo que tenia hecho, dava y avia dado tantas largas á sus amigos y valedores, que por tierra anduviesen, los quales avian fecho tantos y tan grandes agravios á los naturales desta tierra, que visto ellos que tan perseguidos heran, determinaron de matar algunos cristianos, y así lo hizieron, y mataron quatro o çinco, y muertos, se lebantaron contra los cristianos, en tal manera, que fué neçesario yr á ellos, y mataron y prendieron muchos”.<sup>19</sup>*

Ao iniciar a análise foi mencionado que, os peninsulares que na América estavam, se dividem em relação ao motim realizado. Existem exemplos de fidelidade a Cabeza de vaca, porém Schmidell sempre deixou claro a sua fidelidade, talvez, por presenciar de forma mais direta o “estrelismo” desse último.

*“(...) mañana, me llevaron de la carçel de Domingo d'Irala, que hera maestro de campo, y me metieron en vna camara çerrada com tres onbres que me guardaban, donde no vi sol*

---

<sup>18</sup> Carta de Juan Muñoz de Carvajal al Emperador Don Carlos, enumerando los agravios inferidos á los naturales y conquistadores del Rio de la Plata por Domingo Martinez de Irala despues de la prision del gobernador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca. Asunncion, 15 de junio de 1556 In: **Biblioteca de Autores Españoles desde la...** Ibid, p. 598.

*ni luna en onze meses y diez y ocho dias que alli me tubieron preso, hasta que llevaron á esos reynos al governador Cabeza de Vaca y me sacaron de la prision. De todo esto me quexo creminalmente á S.M. y á vuestra merçed, en du Real nonbre, y de todo lo demás que pareçiere, pido justiçia, justiçia, justiçia, señor.”*<sup>20</sup>

Os aliados de Cabeza de Vaca, clamam por justiça a Carlos V devido aos maus tratos recebidos. Nesses acontecimentos, torna-se cada vez mais complicado a identificação de um “estrangeiro” não espanhol em meio a tanta disputa política. No momento, até então descrito, sua aproximação com esse ou aquele grupo perpassa aos critérios estabelecidos, pois tanto de um lado quanto de outro tratam-se de cristãos e súditos do mesmo rei. Pelo que pode ser denotado, as diferentes circunstancias fez com que Schmidell se identifique com o grupo de apoio a Irala devido a diferença de comando, ou ainda, pela simples não aceitação de Cabeza de Vaca por não ser um companheiro de viagem sendo colocado impositivamente por Carlos V.

Como pode ser observado, a pluralidade é uma constante nessa expedição assim, como o contexto europeu da época, que é vivido por Schmidell. As diferenças não estão resumidas somente a esse prisma pois, até mesmo na escrita do nome desses conquistador alemão são encontradas diversidades no próprio idioma de origem. Para os espanhóis ele é conhecido como Ulrico Schmidell ou Huderico, proveniente do alemão Ulrich Schmidel,

---

<sup>19</sup> Carta del clérigo presbítero Antonio D'Escalera al Emperador Don Carlos, referiendo los atropellos cometidos com el gobernador Alvar Núñez Cabeza de Vaca, y los abusos ejecutados en los naturales del Rio de La Plata. Asuncion, 25 de abril de 1556. In: **Biblioteca de Autores Españoles...** Ibid, p. 587.

<sup>20</sup> Carta de Juan Pavon al licenciado Agrega, fiscal del Consejo de Indias, dándole cuenta da haber sido preso com Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, gobernador del Rio de la Plata, de la muerte de Diego de Abrego, y

contudo na Alemanha, é conhecido como Ulrich Schmidl ou ainda Schmidt, Schmidte. Na cidade de Straubing, local de seu nascimento, seu nome é escrito Utz Schmidl que nos dias de hoje é nome de escola e grupos de escoteiro<sup>21</sup>.

Em meio a tantas discrepâncias, existem pontos em comuns nessa expedição que são o metalismo, a cristandade e a noção de súdito. O metalismo assim como a mão-de-obra devido a visão espanhola sobre a América, a cristandade como pessoas que entendem, defendem a religião histórica e geograficamente e por fim, a noção de súdito ao mesmo rei pois os hispânicos viam Carlos V com Carlos I de Castilla y Aragón, enquanto que, os alemães o tinham como Imperador do Sacro Império Romano Germânico. Schmidell ao ser aqui denominado de alemão gera a seguinte discussão: Como ele iria se identificar enquanto alemão se esta não existia na época em questão? Para responder a essa questão torna-se interessante observar a seguinte idéia. Segundo Drijard: 1971, após a consolidação do Sacro Império Romano Germânico e após a posse de Carlos V de Habsburg como imperador é que se inicia a Alemanha, porém importante de ser destacado, é que com esse fato a população não iria se tornar alemã de sentimento imediatamente após o ato da coroação. Diz-se que Schmidell é alemão devido a seu nascimento na cidade de Straubing no sul da atual Alemanha cuja cidade existente até os dias de hoje.

Todavia, nem sempre essas definições foram passíveis de serem utilizadas devido as diferentes circunstâncias na Europa e até mesmo na América. A permanência de alguns fatores que podem ser diferenciadores de uma forma geral até chegar a especificidade. Em

---

excessos cometidos por Domingo de Irala, y solicitando el oficio de fiel ejecutor. Asuncion, 15 de junio de 1556 In: **Biblioteca de Autores Españoles desde la...** Ibid, p. 594.

nenhum momento Schmidell negou ser cristão e súdito do rei Carlos V que sempre é tratado como Su Cesárea Majestad<sup>22</sup> entretanto em nenhum momento menciona a procura por ouro e prata nas terras americanas. Por isso, existem diferentes tipos e fatores que foram escolhidos por esse colonizador para se identificar e se diferenciar ante a outrem.

*Conforme explicitado, no continente americano, lutas internas pelo poder assim como uma constante noção de terra sem lei por algumas facções da sociedade colonial, Schmidell se vê inserido nelas e coloca a sua opinião e sua fidelidade por Irala. Não seria essa fidelidade por ignorância em relação a Cabeza de Vaca como explorador? Por solidariedade ao colega de conquista? Ou ainda por sentir-se como um verdadeiro conquistador pois estava presente na construção de duas cidades? A essas perguntas ainda não há respostas sendo elas especulação e hipóteses a serem comprovadas.*

*Enquanto ao sentimento religioso católico de Schmidell deixam indicações desse ser como um fator de identificação com meio em que está inserido tanto que ao retornar a sua cidade natal (Straubing) converte-se ao luteranismo. Schmidell, porém, continua sua auto afirmação em Regensburg a aproximadamente 50 quilômetros de Straubing pois essa era um reduto luterano em meio aos católicos<sup>23</sup>. Essa decisão da conversão pode ser como auto afirmação pela negação devido ao trabalho realizado na América como católico não querendo assim ser visto na Europa por causa das atrocidades por eles cometidas na América.*

---

<sup>21</sup> [www.meinestadt.de/Straubing](http://www.meinestadt.de/Straubing)

<sup>22</sup> Schmidell: 1986.

*Schmidell ainda deixa pistas de uma noção que lhe é presente no que diz respeito a organização política de uma sociedade. Alguns grupos indígenas esse se refere como nação. Gomes a define como “nação (gentílica) – nação ou povo não cristão”<sup>24</sup> com tudo, para o conquistador não é tão simples. Esse tipo de definição é proveniente dos mais diferentes missionários que vieram a América para “civilizar” (no sentido de civitae) os índios. Mesmo no século XVI e posteriormente, essa idéia de nação se faz muito presente entre os missionários, nos quais serão encontradas nos relatos de, Nóbrega, Montoya entre tantos outros. Porém a dúvida que se faz presente, é que esse conceito é de procedência dos religiosos que estiveram na América, será que os laicos, ou ainda, pessoas que não ocupam lugar de destaque na sociedade em que vivem se utilizam do mesmo conceito ou há alguma diferenciação?*

*O conceito, que foi criado e popularizado no século XIX, tem diferentes conotações, com isso, indagações são criadas e criticadas com o passar dos anos. Poutignat e Streiff-Fenart<sup>25</sup> recriam de certa forma as discussões sobre o conceito que se torna indispensável a definição apesar de Schmidell ser de quatro séculos antes. Os autores deixam claro que a nação pode ser confundida com grupo étnico, porém define-se que nação pressupõe uma consciência subjetiva específica de um determinado povo além a da origem de um sangue em comum com todos de um coletivo. Esse conceito de autoria de Connor significa que a*

---

<sup>23</sup> SCHMIDELS, Ulrich *Reise nach Südamerika in den Jahren 1534 bis 1554*. Tübingen: Gedruckt für den Litterarischen verein in Stuttgart, 1889.

<sup>24</sup> GOMES, Mercio Pereira Os Índios e o Brasil Ensaio Sobre um Holocausto e Sobre um Nova Possibilidade de Convivência. Petrópolis: Vozes, 1991, p.68.

<sup>25</sup> POUTIGNAT e STREIFF-FENART Teorias da Etnicidade Seguindo de Grupos e Suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1998.

*nação tem como um fator primordial a identificação de um indivíduo em relação a sua coletividade.*

*Schmidell ao se referir a somente alguns grupos como nação deixando outros de lado mostra a sua definição sobre. Todo aquele grupo indígena que possuía liderança estabelecida com sinais bem marcado de prestígio e de símbolos de poder recebia a definição de nação e o governante por Schmidell era chamado de rei. Os outros grupos indígenas ele os chamava de “poblado<sup>26</sup>” ou simplesmente de índios, “CariosIndianer<sup>27</sup>”. Fica evidente a comparação de valores europeus buscando, também, a identificação do outro sobre os moldes no qual se está inserido. Na primeira citação do texto de Schmidell da página 20 nas duas ultimas linhas deixa novas pistas sobre o seu conceito de nação. Na passagem em questão diz italianos venezianos e genoveses assim como franceses. Como é sabido na história européia, afirmar que venezianos, genoveses e franceses são nações gentílicas provocaria as mais diversas reações. Por essa maneira é que toma-se o devido cuidado com o uso e aplicação de determinado conceito.*

*Ao dizer nações européias, vem a imagem em nossas cabeças, de um determinado território com um povo sendo governado por um rei, um presidente ou seja o que for. Ao se remeter a nação européia do século XVI essa imagem fica cada vez mais clara, pois surge um determinado tipo de vestimenta, casas muitas vezes no estilo enxaimel, cidades muradas, castelos, pessoas a cavalo ou em carruagens de luxo ou uma simples carroça de madeira. Outra imagem muito forte que irá surgir é a presença da Igreja sociedade, com seus Padres, Bispos, Cardeais e o Papa com suas vestimentas características.*

---

<sup>26</sup> Schmidell: 1986.

<sup>27</sup> Schmidel: 1922. Índios Carijós.

*Ao realizar o mesmo exercício porém com outro espaço geográfico, a América também no século XVI as imagens que irão surgir são completamente diferente daquelas referente a Europa. Isso se deve as gritantes diferenças existentes entre os dois continente. Porém no século XVI essas diferenças se encontram e inicia-se a busca do auto conhecimento, assim como, o conhecimento do outro. Schmidell diz nações para a Itália e a França. Nessa época a Itália não é unificada como a conhecemos hoje em dia porém, tem em comum com a França de ser católicas e possuir um monarca como governante. Então ao chamar determinado grupo de índios de nação mostra aquilo que ele (Schmidell) entende sobre esse conceito sendo diferenciado daquele utilizado pelos cléricos.*

*O conquistador alemão, ao definir a sua noção de nação explicita permanência de sua identidade enquanto um ser branco, europeu e católico e não sendo um espanhol igual aos seus companheiros de conquista. A sua semelhança com os outros europeus, ou seja, não alemães, também fica aparente. Partindo do pressuposto de que para ser um conquistador na América, seria necessário ser católico e súdito de um mesmo rei se coloca como igual. Como pode ser demonstrado, a diferença é exclusivamente dependente do ponto de vista, pois existe, no período em questão, dois grandes grupos: Os brancos e os índios.*

*Esses dois grandes grupos dão origem a uma série de grupos distintos, que mesmo tendo diferenças gritantes, irão existir alguns traços de semelhança principalmente ao se tratar da viagem em questão. O grande grupo dos brancos (sucintamente analisando) são todos católicos, estão a serviço de Carlos V imperador do Sacro Império ou Carlos I rei da*

*Espanha, e possuem objetivos bem marcados. Porém não são todos provenientes do mesmo território e isso acaba por demarcar as suas características culturais próprias. No grande grupo dos índios a mesma situação acontece, porém não existe um grande poder soberano a todos eles, suas diferenças parecem ser maiores. Essa diferenças e com isso as guerras entre os índios nos mostra cada vez mais a heterogeneidade dos grupos indígenas. Para citar um exemplo, os Guarani da época em questão, demonstram o seu medo em relação aos Guaicuru conforme consta no relato de Cabeza de Vaca. Contudo, suas semelhanças também são em grande número e por isso, a confusão usual em apenas destacar as semelhanças. Em suma, permanência dessas idéias e desses discursos são o que identificaram tantas diacronias em uma sincrônia.*

## **Capítulo 2: Ulrich Schmidell e seus contatos e relatos do Rio da Prata até Assunción:**

### **2.1) Introdução:**

A descoberta e conquista do Rio da Prata, como é sabido, teve seu início desde a expedição de Juan de Solis em 1519. Com isso, não significa que a partir dessa data nenhuma outra “conquista” poderia ser feita na mesma região. Provavelmente, todos os conquistadores das diferentes nações européias, trariam sua contribuição para esse processo que perdurou por quase cinco séculos. Porém, seria um sonho para todo o cientista, que estuda o passado, ter acesso a todo o tipo de relato e informação sobre uma região em determinado período de tempo. Como isso ainda não nos é possível, para a presente pesquisa o relato de Utz Schmidl ou Ulrich Schmidell, será o ponto de partida.

A partir do ponto de vista do conquistador mencionado torna-se possível, a descrição dos diferentes povos indígenas que viviam na América desde as margens do Rio da Prata até a cidade de Assunción. Sobre essa região, pesquisas arqueológicas foram realizadas e tornadas públicas. Possuindo-se posse desses dados, há a possibilidade de confronta-los<sup>28</sup>. Torna-se lícito esclarecer que esse encontro de fontes está sujeita a diferentes pontos de vista e que nem sempre haverá uma sincronia. Por isso, as diacronias serão uma constante, pois um pesquisador do século XX, terá uma visão diferenciada daquele conquistador do século XVI. Essas diferenças não são somente devido a distância temporal entre eles, mas

---

<sup>28</sup> Esse confronto entre o registro arqueológico e a descrição histórica é que possibilita a reconstituição do passado platino proposto na presente pesquisa.

sim, o tipo de olhar de um cientista será bem adverso em relação ao vivenciado por uma pessoa da época em questão. O pesquisador terá objetivos traçados e questões a serem respondidas e, com isso, hipóteses a serem levantadas e sustentadas. Em contrapartida, um ser humano do século XVI (no caso Ulrich Schmidell) tem como objetivo manter-se vivo possuindo seus interesses materiais, espirituais e coisas do gênero.

Schmidell, por sua vez, torna-se um pouco diferente porque deixou para a posteridade a sua marca, pois estava ele (de certa forma) ciente do momento histórico em que vivia e portanto, toma a atitude de “eternizar” as suas façanhas. Contudo, o cientista também gostaria de ser “eternizado” nem que seja como um bom exemplo de um ser fruto de seu tempo, portanto apesar da distancia entre pessoas de tempos diferentes sempre haverá alguma nuance, por menor que seja, que os tornarão iguais. Essas sincronias e diacronias é que fazem com que as fontes possam ser analisadas para a reconstrução do passado platino.

## **2.2) O conquistador descreve sua chegada e seus contatos na região platina:**

Durante diferentes trechos da presente pesquisa, já se comentou sobre a chegada de Schmidell na América assim como, alguns de seus relatos. Com isso, torna-se dispensável a retomada desses assuntos. A expedição, de acordo com os dados fornecidos pelo autor, saindo do Rio da Prata chegam a uma corrente de água doce chamada Paraná-Guazú, cuja desembocadura possui quarenta e duas léguas e está localizado a cerca de cento e quinze do Rio de Janeiro (Schmidel: 1986, p. 30). Como não poderia deixar de ser, Schmidell procura deixar claro a sua localização, contudo, nem sempre é confiável e clara devido ao relato ter sido escrito cerca de vinte anos após o seu retorno. Além desse fato, em inúmeros casos o

próprio conquistador está em dúvidas em relação a como chamar determinado local como é o caso da figura a seguir que indica “Rio de la Plata oder Parana”, ou seja, Rio da Prata ou Paraná.

Logo que se chega na América iniciam-se os contatos de pessoas dos diferentes continentes do mundo. Segundo o conquistador, “*Así, el año de 1535, llegamos con la ayuda de Dios al Rio de La Plata, donde hallamos un poblado de indios en cual vivían unos dos mil hombres llamados Charrúas*”. (Schmidel: 1986, p. 30). O dito autor, iniciando os seus contatos faz os relatos afirmando que a alimentação desses índios é a base de carne e peixes, portanto são caçadores e pescadores. Os homens andam nus, diferentes das mulheres que se tapam com um pedaço de pano de algodão cujo comprimento vai do umbigo até os joelhos. Outro dado interessante desse trecho é que os índios fugiram das vistas dos europeus sem deixar rastros, sumindo na selva.

Ao se dar de encontro com esses dados, podemos observar outro tipo de descrição que é aquela feita pelos arqueólogos, assim como outros pesquisadores do passado da humanidade, sobre o grupo indígena em questão. Conforme a pesquisadora Ítala Becker:

*“(...) os Charruas e Minuanos estavam localizados nos campos do Sudoeste e Sudeste até a altura dos rios Ibicuí e Camaquã com extensões para o pampa uruguaio e pequena porção do território argentino. Os Charrua moravam mais para o oeste, ocupando ambas as margens do Rio Uruguai, e tiveram maior contato com o conquistador espanhol; os*

*Minuano se localizavam mais a leste, nas áreas irrigadas pelas lagoas dos Patos, Mirim e Mangueira, com extensão até as proximidades de Montevideu; tiveram maior contato com os portugueses<sup>29</sup>”.*

Conforme a explicação da autora, não há registro por parte de Schmidell dos índios denominados Minuanos, já que ele estava do lado espanhol da conquista platina. Além disso, a dita autora, informa que através das pesquisas em arqueologia foram traçadas distinções através das tradições e fases lítico-cerâmicas, assim como, pela forma de ocupação, pois no caso dos Charrúas eram nos cerritos<sup>30</sup>. Outro pesquisador que faz suas considerações sobre a arqueologia dessa mesma região, afirma que através dos estudos dos diversos sítios arqueológicos, classificados de pré-cerâmico proporcionou (segundo as palavras de Cigliano), determinar um grupo perfeitamente definível por uma seriação de tipos líticos que apresentam uma fisionomia, que pode ser comparada com outros acentamentos encontrados no Uruguai<sup>31</sup>.

A matéria prima utilizada na elaboração, na maior parte dos utensílios líticos são de “arenisca cuarcítica” rolados e em minoria a “cuarcitas” e um sílex<sup>32</sup>. Os tipos que o autor se refere em sua maior quantidade consiste em: “raederas (...); raspadores (...)

---

<sup>29</sup> BECKER, Ítala Irene Basile O Que Sobrou dos Índios Pré-Históricos do Rio Grande do Sul. In: KERN, Arno (Org) Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, p.344, 1997.

<sup>30</sup> “Os cerritos, ou ‘cômodos’, são sítios construídos, montículos (...) de origem essencialmente mineral. Estes sítios, que existem em quase todas as terras baixas da área do Prata (...) parecem pertencer a mesma cultura. (...) estão instalados exclusivamente nos banhados que circundam as lagoas ou no barranco dos canais que as interligam.” (PROUS: 1992, p.193)

<sup>31</sup> CIGLIANO, Eduardo Mario **Investigaciones Arqueológicas en el Rio Uruguay Medio y Costa N.E. de la Provincia de Buenos Aires**. Pesquisas Antropologia n° 18, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia do Prata, Instituto Anchieta de Pesquisas, p.7, 1968.

perforadores;(…)³³”. Cigliano coloca o seu espanto com relação a ausência de peças trabalhadas por pressão existindo o predomínio lascas trabalhadas por percussão indicando que a área pertencia a grupos de caçadores-coletores que se viviam a margens dos grandes rios, que era onde foi estabelecida as vias de comunicação. Considerando a presença de cerâmica o autor menciona que:

*“Los fragmentos que hemos hallado corresponden a una ceràmica lisa in ningún tipo de decoración; la superficie interna y externa es pulida. En general pueden agruparse en tres tipos fundamentales, aquellos que presentan una capa pintura rojiza, otros de un color amarillento parduzco y el último grupo que no há recibido ningún tipo de pintura³⁴”.*

Tendo posse desses dados considera-se o conquistador provavelmente não teve o contato com todas as populações americanas da área, devido essas etnias já terem desaparecido, ou apenas fugido do contato com o europeu deixando apenas seus traços no solo que o pesquisador interessado descobre e analisa. Sobre os contatos a pesquisadora Itala Becker torna público que no início do século XVI, os Charrua e possivelmente os Minuano, sofreram modificações em seu modo de vida devido a introdução do gado equino e no século seguinte do bovino. Contudo, no século XVII esses índios começam a se dar de encontro com a colonização mais diretamente. A ação missionária feita pelas ordens franciscanas e dominicanas, segundo a autora, não teve resultados satisfatório, talvez

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Ibidi, p.6.

porque as áreas ocupadas por esses índios fossem impróprias para desenvolver um sistema colonizador de base agrícola<sup>35</sup>.

Sobre essa argumentação da autora, existem contestações que são de fundamental importância para que o assunto seja cada vez mais esclarecido. Importante de ser destacado, é que esse dito esclarecimento também pode ser passível de contestações e é por isso, que a ciência está em constante formação, pois a construção de novos conhecimentos e a revisão de antigos é que torna rica a pesquisa científica. Conforme é sabido os Trinta Povos das Missões Jesuíticas, foram realizados pelos (vale a redundância) padres Jesuítas. Outro ponto que também é muito conhecido é que quem estava sob a égide dos Jesuítas foram os povos indígena denominados de Guarani. Então surge a dúvida de o porque que essas Missões feitas pelos franciscanos e pelos dominicanos não teriam tido o êxodo desejado? Para responder a essa questão será utilizado outro pesquisador que ao tornar público suas considerações sobre a escravidão e as Missões no Brasil, afirma que:

*“Muitas destas tentativas fracassaram, quando se tentou tornar sedentários os grupos nômades das imensas pradarias do Pampa e do Chaco. Nestas extensões de campos e paisagens abertas arbustivas, muitos indígenas tais como os Guaicuru, Charrua e Minuano, resistiram com denodo ao processo de dominação colonial e às ações de evangelização missionária. Os missionários tiveram mais sucesso entre as*

---

<sup>34</sup> Ibidi, p.7

<sup>35</sup> BECKER, Ítala Irene Basile **O que sobrou...** Ibidi, p. 345.

*parcialidades étnicas dos horticultores Guarani, devido ao fato de serem já estes grupos habituados a vida em aldeias e a produção dos alimentos. Mas devemos igualmente destacar a complexidade de cultura (...)*<sup>36</sup>”. (KERN, Arno **Escravidão e Missões no Brasil Meridional: Impactos e Contatos entre as Sociedades Indígenas Ibéricas no Período Colonial**. In: FLORES, Moacyr **Negros e Índios Literatura e História**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 42, 1994.)

Com isso, pode-se concluir que outros fatores, além da ocupação do território, podem ter levado o insucesso dos missionários com os grupos Charrua e Minuano. Por não serem horticultores, aldeões e de certa forma sedentários, torna inviável a realização de uma Missão conforme foi explicitado pelo autor anteriormente mencionado. Desse contraponto de opiniões, é que se extrai a complexidade de assuntos que, em um primeiro momento, são tão simples e que depois torna-se uma discussão pertinente e duradoura, pois verdades sobre o passado de um mesmo grupo são lançados, cabendo a cada um, escolher o qual que lhe é mais pertinente.

Algo realmente interessante de se notar é a falta de descrições por parte de Schmidel, tendo em vista, que ele deve ter visto os Charruas assim como os Minuanos. Porém a pesquisadora Ítala Becker, demonstra uma riqueza de informações como seguem os exemplos. Esses índios tinham a sua forma de vaidade, que era expressa pelas pinturas faciais, que eram diferenciadoras de tribo. Nos homens, as cicatrizes intencionais

estampadas no corpo tinham correspondência ao número de inimigos mortos. (Becker: 1997, p.348) A organização social era de base familiar, mantendo-se nos dois grupos até a sua extinção.

A respeito da organização dessas famílias a poligamia era mais acentuada entre os Charrua. Nos Minuano, era mais freqüente entre os caciques, que tinham de duas até cinco mulheres com as quais tinham filhos. Nos grupos charruas a organização familiar era pouco estável, inclusive no que diz respeito a educação dos filhos, pois eram dirigida pelas inclinações individuais, até mesmo nas refeições, as crianças comiam quando sentiam vontade<sup>37</sup>. Entre os Minuano a educação também estava à cargo dos pais, porém as crianças ficavam com estes até que se consumasse o período de lactância, nessa ocasião, a criança era entregue à responsabilidade de algum parente que assumia a paternidade total. (Becker: 1997, p. 348)

Essa organização familiar residiam em o que a autora chama de choças, ou “toldos” que eram construídos pelas mulheres, além de encargos domésticos. Inicialmente as casas eram simples, esteiras de junco suficientes como abrigo e proteção contra grupos hostis. Com isso, de acordo com as considerações da mencionada pesquisadora, caracterizava os grupos de caçadores em movimentações estacionais que com o correr do tempo se deslocavam-se por exigências guerreiras. As moradias desses grupos modificaram-se de simples pára-ventos, passaram a choupanas cobertas com esteira vegetal, dispostas sobre

---

<sup>37</sup> Nada muito elaborado mas sim um assado feito pelos pais) (nada muito elaborado mas sim um assado feito pelos pais.

quatro estacas cravadas no chão, esse tipo de construção era mais freqüente no grupo Charrua.

A outra forma, as choças, sempre foram pequenas, com espaço limitado para uma família não superior a dez pessoas. A cozinha ficava para o lado de fora e o fogo era presença constante. Esse tipo de construção se fez mais presente entre os Minuano, nelas residiam os velhos e os jovens de ambos os sexos que ainda não tinham condições de trabalho. Essas construções estavam, na maioria das vezes, sobre colinas descobertas nas proximidades de rios e arroios ou nas encostas dos mesmos. Formavam concentrações, o que a pesquisadora denota as formações em aldeias ou “toldarias”, submissas aos seus caciques. Existia uma distância regular entre as casas para que não faltasse o pasto necessário ao gado e de modo especial para a cavahada roubada ou de criação<sup>38</sup>. Em cada aldeia, havia o seu pequeno cemitério localizado sobre uma coxilha próxima. O interessante e que recebe destaque é que o cemitério também era transferido de acordo com a mobilização dos grupos.

Na organização social dos Charrua e Minuano, estão bem marcadas as diferenças entre os sexos. Entre os Charrua, logo após o parto ou passados alguns dias, o menino recebia o distintivo de virilidade que era o tembetá, que por sua vez, era introduzido pela mãe no lábio inferior. Sendo ele de uso diário, era retirado exclusivamente para ser substituído por outro maior, de acordo com crescimento do jovem varão. Assim como em toda a sociedade existiam, entre os Charrua, um grande ritual de passagem da infância para

---

<sup>38</sup> Evidentemente que a autora está se referindo aos índios após aos primeiros contatos, pois já estão acostumados a criação de gado.

a idade adulta, na qual eram pintados os rostos com traços e disposições diferentes para os dois sexos e grupos familiares. Além desses, vários são os aspectos diferenciadores de sexo, destacados pela autora, no cotidiano Charrua. Outro exemplo é a maneira de montar o cavalo, os homens costumavam cavalgar em pêlo, enquanto que as mulheres utilizavam arreios bem simples. Na guerra, quando o homem só possuía um cavalo, era ele quem montava, enquanto que a sua mulher o acompanhava a pé, carregando os filhos e os pertences. (Becker: 1997, p.350)

A mencionada autora, ainda coloca que a cultura espiritual dos Charrua e Minuano estava muito associada com o curandeirismo. Os curandeiros ou os feiticeiros, geralmente em estado de transe pela absorção de determinadas ervas, inclusive a erva-mate, atuavam nos mais variados momentos diziam que sua força era capaz de dominar até mesmo os elementos da natureza. Existia a dualidade, pois explicavam que de um ser superior maléfico, proviam todas as desgraças. (Becker: 1997, p.353) Por fim, os índios pouco descritos por Schmidell, tinham seus rituais fúnebres, pois conforme a autora:

*“Todos, indistintamente, eram enterrados em covas rasas, cobertas com pedras ou ramas. Sobre esse pequeno acúmulo eram colocadas as boleadeiras; a lança ficava plantada no lado oposto ao qual deixavam o cavalo. Informações de outros autores dizem que o cavalo era sacrificado sobre a sepultura por desejo expresso de seu dono”. (Becker: 1997, p.353)*

Existe o dado, fornecido pelo cientista argentino sobre suas pesquisas na Ilha Martín Garcia no curso médio do rio Uruguai, pois resulta que *“Todo este complejo cultural corresponde a lo que los investigadores han establecido como cultura guarani”*. (Cigliano: 1968, p.7). Além disso, foram realizadas datações em Carbono 14, revelando que essa ocupação possuía 405 anos com margem de erro de 35 anos. O autor conclui que se trata dos anos 1545 aproximadamente. Torna-se uma referência muito distinta essa data, devido a presença Guarani contemporânea a Schmidell, que por sua vez, em nenhum momento a descreve.

### **2.3) Schmidell, a cidade de Buenos Aires e as diferentes etnias:**

Ao serem feitas as descrições pelo conquistador em questão, é iniciada dizendo que no local haviam índios chamados Querandíes. Era uma população de aproximadamente três mil indivíduos, com as suas respectivas esposas e filhos. O autor quinhentista, faz comparações entre a vestimenta Querandie e a Charrua afirmando que eram iguais<sup>39</sup>. Schmidell faz as suas comparações tendo em vista o testemunhado. Interessante de ser destacado é que essas comparações refletem, de certa forma, algo muito importante que é a visão de uma época. Apesar de ser um relato do século XVI, existe uma singela cientificidade em seu discurso. Singela devido a que esse relato ter sido escrito muito antes de existir a ciência antropológica porém, é criado pelo autor, o registro da vida e costumes dos índios platinos.

---

<sup>39</sup> “vestidas igual que las charrúas, del ombligo hasta las rodillas”.p.31. (*vestidas igual que las charrúas, del aúhaspiudfhas*)

Além dessas comparações, no momento do contato, é relatado que os índios Querandíes trouxeram para os europeus alimentação a base de carne e peixes. Não possuem residência fixa, portanto ficam vagando pelos territórios segundo palavras do autor. Entre essas migrações, diz-se que:

*“Si se desplazan en verano, recorren a veces más de treinta leguas de tierras secas, donde no encuentran ni una gota de agua, y si acaso dan con un ciervo u otra caza, beben la sangre de los mismos. A veces descubren unas raíces que llaman cardos y los comen para apagar la sed. El hecho de que beban sangre se debe únicamente a que no tienen agua ni otra cosa, y de otra manera tendrían que morir de sed”.*

(Schmidel: 1986, p. 31)

Dentre as curiosidades expostas há o uso de armas dos índios Querandíes que eram arcos e flechas. Essas últimas aparentavam (de acordo com o olhar de Ulrich Schmidell) ser compridas pois, tinham a medida de meia lança com um pedernal na ponta. Sobre esses mesmos índios merece maior destaque que *“Usan también bolas de piedras atadas a una larga cuerda. Lanzando estas bolas a las patas de los caballos o ciervos, los hacen caer”.* (Schmidel: 1986, p. 32). Ao descrever o uso das boleadeiras, torna-se um indício muito importante que não se pode ser deixado a margem das análises. Está na sabedoria popular do povo gaúcho, que tal aparato é um legado dos índios Charruas.

Com isso, todas as vezes que se menciona o surgimento do uso das boleadeiras, por que não incluir os índios Querandies? O que separa os Charruas dos Querandies, territorialmente falando, são apenas as margens dos rios Paraná, Uruguai e o Rio da Prata que são facilmente transpassados por eles? Desse contato entre as etnias não iriam haver trocas? Essas são questões que se fazem presentes, por isso o legado do uso das boleadeiras seria mais um assunto que possivelmente a ciência, através de seus pesquisadores, não de encontrar soluções que, pois na presente pesquisa, não são de fundamental interesse devido que outros objetivos estão sendo alcançados. Na costa noroeste de Buenos Aires, tem-se os trabalhos realizados por Eduardo Cigliano a cerca de a mil metros da costa em uma localidade denominada de “*Palo Blanco*”. (Cigliano: 1968, p.8)

Ao descrever o material arqueológico encontrado, o autor diz que os fragmentos de cerâmica encontrados, são de tamanho regular sem nenhuma decoração. Porém diz que é característicos o alisamento das bordas em consequência dos anos rolando no solo, ou haver estado na água, por isso, a formação de uma “cordão de conchas”. Um tipo muito diferente surge na capa de húmus que o autor relaciona com os acantamentos de “*Punta Piedras*”, “*Punta Indio*” e “*Punta Lara*” constituindo o que foi, por ele estabelecido como cerâmica típica que caracterizaría o período “*Litoral bonaerense clásico*”. (Cigliano: 1968, p.8) Dessas pesquisas em “*Palo Blanco*” foram obtidas duas datações: a primeira é de  $4760 \pm 120$  cerca de 2810 a.C. e  $3820 \pm 80$  cerca de 1870 a.C. Em seguida informa que a cerâmica sem decoração foi encontrada em formação geológica correspondente a post-pampeana denominada de “*querandinense*” (Cigliano: 1968, p.9).

Como pode-se perceber são datas muito antigas indicando a presença indígena na região, porém qual seria a sua ligação com os Querandies? Ou é apenas uma homenagem a esse grupo do contato euro-americano, ou ainda, é uma tentativa do autor em definir uma cultura Querandi. Após a essas indagações, retoma-se o relato do conquistador em questão, que indica um momentos em que o conflito bélico entre os europeus e os índios foi travado nas terras a serem conquistadas. São relatados momentos em que os povos americanos mostram as suas aptidões militares, assim como, uma certa aliança indígena contra os invasores.

Segundo o conquistador “alemão”(a **discussão sobre a real nacionalidade e o sentimento patriótico de Schmidell, estão mencionados no capítulo primeiro da presente pesquisa, portanto, não se faz necessário retomar a discussão**) no ano de 1535, os índios atacaram a cidade de Buenos Aires com cerca de vinte e três mil homem, do que ele denotou quatro nações diferentes. Sendo elas Querandíes, Bartenis, Charrúas e Timbus dessa aliança, surge uma união na tecnologia guerreira dos índios, pois “(...) *Las flechas de los indios son de caña, y les prenden fuego en la punta antes de disparalas. Tambié m conocen una madera de la que hacen flechas que, encendidas y disparadas, no se apagan, sino que prenden fuego a las casas cubiertas de paja y todo lo demás que alcanzan*”. (**Schmidel: 1986, p. 35**). Após a essas batalhas, ganhas pelos europeus, são descritas com muita honra a força das milícias indígenas denotando grande dificuldade na luta, principalmente no que diz respeito aos relatos de Schmidell. Seguindo com sua descrição o conquistador indica a sua saída de Buenos Aires em direção a Assunción utilizando o Rio Paraná e Paraguai.

## **2.4) Os contatos hora sobre as margens do Rio Paraná, hora sobre as margens do Rio Paraguai até a chegada na cidade de Assunción:**

Ao ser reiniciada a trajetória até a Assunción após ter passado pelos ataques indígenas na cidade de Buenos Aires Schmidell diz que “*remontamos las aguas del Paraná, hasta que encontramos unos pueblos de indios, después de dos meses de nuestra salida de Buenos Aires, a ochena y cuatro leguas de esta ciudad*”. (Schmidell: 1986, p. 37) A respeito dessa colocação do autor colonizador, fica uma certa escuridão na localidade ao não ser descrita nenhuma população indígena. Evidentemente que não se pode precisar a localidade que Schmidell se refere. Com tudo, a região do rio Paraná, sempre foi muito povoada em diferentes épocas, pois segundo o mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju, por ali já viveram as etnias, Timbú, Chana-Timbú, Guaicurú e Guarani. Portanto Schmidell pode ter esquecido de descreve-las em seus relatos (**Já que este foi escrito cerca de vinte anos após o seu retorno a Europa**), ou então, os índios não quiseram ser vistos preservando o seu não contato com o europeu.

Provavelmente os índios povoadores da região em questão não quiseram ser vistos, pois logo em seguida, quando faltavam quatro léguas para chegar no porto de Buenas Esperanzas Schmidell descreve o contato com os Timbus:

*“(...) vinieron pacíficamente a nuestro encuentro en unas canoas (pues viven en una isla), en las cuales cabrían dieciséis personas en cada una de ellas, no habiendo peligro alguno (...) en medio del río (...) regaló al cacique de los*

*indios, al que llaman Zehera-Guazú (...) nos condujo a su pueblo y nos dio de comer pescado y carne en abundancia, de que recibimos gran contento*". (Schmidel: 1986, p. 37)

De acordo com a descrição do conquistador em questão esses índios tem uma particularidade material muito interessante de ser mencionada. Eles tem em ambos os lados da nariz uma estrelinha de pedra branca e azul. Logo após a essas descrições Schmidell emite certos juízos de valor em respeito ao vivenciado por ele. Conforme o relato é dito que os Timbus são de grande estatura e muito parecidos. As mulheres, seja as jovens como as velhas são muito feias devido ao seu rosto ser arranhado e sempre ensangüentado. Sua vestimenta é muito simples, cobrem-se com um pequeno pano de algodão cujo comprimento vai da cintura até os joelhos. Não possuem outro tipo de alimentação que seja diferente de carne de caça ou peixes. Numericamente eram bastante grandes, pois são relatados cerca de quinze mil indivíduos. (Schmidel: 1986, p. 37)

A seguir inicia-se algumas comparações daquilo que é conhecido em relação a novidade presenciada, pois "*Las canoas que utilizan se fabrican del tronco de un árbol que tiene ochenta pies de largo y tres de ancho, y las mueven com remos, como mueven en Alemania los pescadores sus barcas, sólo que sus remos no están chapatos com hierros*". (Schmidel: 1986, p. 38) Essas comparações que são feitas pelo conquistador quinhentista, são muito interessantes de serem observadas pelos seguintes aspectos: Em primeiro lugar, trata-se de uma visão de época, por isso, é que surgem julgamentos entre os padrões de beleza. Em segundo lugar, ao se dar de encontro com uma embarcação indígena cujos remos são iguais aos dos pescadores alemães, mais uma vez, demonstra que a comparação

para sua identificação é uma constante por parte de Schmidell, pois os remos podem ser iguais, porém, não tornará os índios iguais aos alemães.

Dando seguimento a sua viagem, nesse momento Paraná a cima buscando outra corrente que nada mais é que o rio Paraguai. Sobre a geomorfologia desse último conforme o pesquisador Fernando La Salvia:

*“o basalto, o diabásio, o meláfiro e outras, cujo conjunto os geólogos denomina de ‘trapp’, em virtude da persistência das formas escalonadas em patamares estruturais a que elas dão origem. Intercalados nos lençóis de ‘trapp’, encontram-se também camadas de arenito, com estratificação entrecruzada de fáceis eólio, ao qual Maack denomina ‘intertrapp’”.* (La Salvia: 1968, p.101)

Essas informações sobre o rio Paraguai, nos indicam as condições com as quais estão inseridos na paisagem os grupos humanos. Portanto deixá-los a margem das análises seria uma desconsideração, com a idéia de que o ser humano vive em um ambiente, com isso, transforma-o e utiliza-o conforme suas necessidades. As margens desse rio, segundo Schmidell, estão acentados os índios “*carios*” (Carijós). São descritos como produtores de alimentos (horticultura), pois *“tenían maíz, frutas y raíces de las cuales hacín vino, así como mucho pescado, carnes y ovejas tan grandes como mulos y también ciervos, puercos, avestruces, gallinas y gansos (...).”*(Schmidell: 1986, p. 39-40)

Os índios Carijós possuem, de acordo com pesquisas arqueológicas, uma longa extensão de terras ocupadas. Utilizando-se do mapa político atual, os Carijós dominavam toda a Ilha de Florianópolis a costa do Rio Grande do Sul até o interior de São Paulo, e ainda, uma porção do interior do sul brasileiro. Nesse momento, vou limitar-me a descrever somente esses dados sobre os Carijós. Essa limitação, é devido ao contato que Cabeza de Vaca fez com esses índios, pois obteve-se mais informações em comparação ao relatado por Schmidell, logo mais dados dos pesquisadores estão mais explicitados no capítulo terceiro da presente pesquisa.

Ao deixar a localidade de Buena Esperanza e Schmidell descreveu os índios que ali estavam, deslocaram-se quatro léguas em um dia, tendo contato com um grupo indígena denominado de “*curendas*”. A descrição que é feita torna-se muito interessante ao perceber a análise comparativa do autor:

*“que se mantienen de pescado y carnes. Son unos doce mil hombres aguerridos que tenían un sinfín de canoas. Se parecen a los timbués, com piedricillas en las narices. Los hombres son bien parecidos, pero las mujeres, mozas y viejas, feísimas, com las caras arañadas y siempre ensangretadas. Andan vestidas como las timbués,(...), como se dijo antes. Estos indios tienen gran abundancia de pieles de nutria. Nos dieron pescado, carne y pieles a cambio de cuentas de vidrio, rosarios, peinas, cuchillos y anzuelos”.* (Schmidell: 1986, p. 40)

Dessa análise comparativa de Schmidell, criam-se algumas dúvidas que são remetidas aos estudos arqueológicos. Como foi denotado, os Timbús e os Curendas apresentam características culturais muito semelhantes. Será que ao ser retirados do solo uma evidência material e denomina-la enquanto que pertencente aos Timbú, estão sendo desconsideradas as diferenças étnicas entre os índios? Os Timbú poderiam ter, o que pode-se chamar de domínio cultural entre os outros caçadores-coletores e pescadores? São questões que nos surgem que, com a falta de fontes, nos deixando cada vez mais intrigados com os habitantes desse mundo americano pré-europeu.

Os pesquisadores em arqueologia e etnologia, colocam suas considerações sobre o que é Chaná e ou Chaná-Timbu. Essa singela diferença é devido a família lingüística no qual Timbú nada mais é do que uma língua específica, com isso, havendo a cultura material Chaná. Curt Nimuendajú descreve outras línguas que são os Chaná-Yaró e Chaná-Mbeguá, sendo que esses últimos, foram datados como habitantes do rio Paraná desde o ano 1527. Isso nos remete a uma discussão bastante extensa, pois como definir uma cultura a partir dos vestígios materiais, e também, em que medida uma língua servirá como difusor de águas entre as culturas?

Logo em seguida, quando Schmidell retoma a sua descrição da viagem diz que permaneceram entre os Curendas dois dias. Entre esses índios estava um prisioneiro Carijó que foi passado aos cuidados dos europeus para que lhe servisse de guia e de intérprete. **(Schmidell: 1986, p. 40)** Evidentemente, que mais juízos de valores são emitidos pelo conquistador ao demonstrar um certo desprezo em relação ao prisioneiro. Mais uma

vez, a visão quinhentista se faz presente sendo esse ponto sempre ser levado em consideração. Poucos instantes, chegam ao que o autor chama de nação dos Quiloazas que são bastante numerosos cerca de quarenta mil guerreros, que se sustentam com peixes e carne.

Conforme mencionado no capítulo anterior, existem evidências que Schmidell descreve a sua diferenciação entre “*poblado*” e “*nación*”. Todavia, no caso dos índios Quiloazas esses requisitos não estão presentes na descrição. É indicado que esses índios são falantes da mesma língua que os Timbús, possuem as mesmas estrelinhas azuis no nariz e vivem a trinta léguas da ilha dos Curendas, na margem esquerda do rio Paraná.(Schmidell: **1986, p. 40-41**). Mais uma vez são reafirmadas os questionamentos sobre o domínio entre diferentes grupos indígenas na região platina.

Seguindo em sua longa caminhada em direção a Assunción, o conquistador afirma que caminharam por dezoito dias, sem encontrar um índio se quer. Essa passagem de suas descobertas indicam, uma negação da fonte, em relação ao referente rio com os quais passou esta expedição. Não sendo nenhuma novidade, para os que estudam populações indígenas, que na época em questão o rio Paraná era habitado pela etnia Guarani. De acordo com Arno Kern:

*“Havia, muitas vezes, caminhos ligando as aldeias. Outros ligavam áreas muito afastadas, como o que ligava o litoral brasileiro ao vale do rio Paraná, conhecido e utilizado pelos ibéricos no período colonial. (...)Foi no decorrer dos séculos*

*16 e 17 que as aldeias guaranis se viram em contato com as duas frentes de expansão ibéricas. A portuguesa expandindo-se para o sul e para o leste a partir de São Vicente, Santos e São Paulo, a espanhola ocupando os espaços da região platina a partir de Assunção e Buenos Aires”.*(Kern: 1994, p. 124-125).

A expedição passa agora por uma terra em que Schmidell não indica o nome, pois simplesmente diz que com uma nova corrente os levaram terra a dentro. Com isso, encontram um grande grupo indígena chamado de Mocoretáes. Apesar de ser um grupo extenso, em número de indivíduos, são pescadores e comem muito pouca carne. São em torno de dezoito mil guerreiros, com muitas canoas. Vivem a margem direita do rio Paraná, importante o destaque por ele dado, que falam uma língua distinta, todavia, possuem estrelinhas no nariz. (Schmidel: 1986, p. 41)

Esses grupos indígenas, que a etnologia e a arqueologia pouco conhecem, são uma curiosidade instigante ao serem mencionadas pelo Schmidell. Por serem grupos aparentemente nômades não serão vistos por outros conquistadores, outro fato importante é que a cultura material se repete muito de acordo com o relato, com isso, pode-se mencionar que esses grupos sempre mantiveram contato entre eles, porém não se sabe que maneira, devido a falta de fontes que possam ser esclarecedoras.

Prossegue-se a navegação pelo rio Paraná durante quatro dias, o conquistador indica que encontram os Zennais Salvisco. São gente baixa e gorda que não se alimentam de coisa

alguma a não ser carne, peixes e mel. Andam completamente nus e naquele momento estavam em guerra com os Mocoretáes. A carne que comem é de veado, javali, avestruz e coelho. Vivem a dezesseis léguas dos Mocoretáes que os europeus se demoraram quatro dias para percorrer. **(Schmidel: 1986, p. 42)**

Surgem novas comparações entre as diferentes etnias por parte de Schmidell, pois afirma que *“Se parecen a nuestros ladrones, viviendo veinte leguas tierra adentro, com el fin de no ser sorprendidos por sus enemigos. En esta ocasión, sin embargo, habían llegado al río cinco días antes que nosotros, pra pescar y hacer la guerra a los mocoretáes. Son cerca de dos mil guerreros”*. **(Schmidel: 1986, p. 42)** Antes de prosseguir com o relato, é importante destacar que o avestruz a qual é referido, provavelmente tenha sido confundido com uma ema. Outro ponto a ser destacado é a comparação, novamente depreciativa, que o europeu faz em relação ao comportamento indígena.

Prosseguindo com o relato tem-se o contato com os índios Mepenes, extensos numericamente cerca de dez mil homens que habitam dispersos territórios. Porém, segundo o autor, podem juntar-se, por terra ou por água, em dois dias. Muito diferente das outras descrições, é a primeira vez que é tratada a fácil mobilidade dos índios. O que pode-se especular é que em caso de união tão rápida implica em uma chefia forte, atuante e respeitada.

Existe um detalhe bastante interessante pois Schmidell coloca seus conhecimentos de marinheiro ao relatar que:

*“A juzgar por las canoas, en las cuales cabrían hasta veinte personas, debían de ser más individuos de los que vimos. Este pueblo nos recibió de forma hostil en la agua com quinientas canoas. Pero no pudieron hacer gran cosa, pues matamos a muchos de ellos com los arcabuces; que nuca habían visto ninguno ni tampoco a ningún hombre blanco”.* (Schmidel: 1986, p. 42)

Indica-nos que a população dos Mepens era mais numerosa do que foi por ele visualizados. Por mais oito dias, subindo uma corrente de água, (mais uma vez torna-se a destacar o esquecimento o autor ao realizar tal trecho, ou ainda, realmente não sabia o nome do lugar onde estava) se dão de encontro com os índios chamados Curemaguáes que se alimenta de carne e peixes nada mais. Os homens tem o nariz perfurado onde enfiam uma pena de papagaio. As mulheres pintam o rosto com listras azuis que se mantém por toda a vida. Cobrem-se com um pedaço de algodão desde a cintura até os joelhos. (Schmidel: 1986, p. 43)

Conforme segue a viagem, encontram outro grupo indígena que são os Agaces, que igual a tantos outros se alimentam de carne e peixes. Novamente, existe dados comparativos de Schmidell mostra que *“pintándose las mujeres la cara como las curemaguaés y cubriéndoes de la misma manera que éstas”*. Os primeiros contatos foram hostis, revelando que os Agaces são bons guerreiros em água, já em terra, são ruins segundo o descrito pelo conquistador(Schmidel: 1986, p. 43-44). Porém, antes de lutar

com os europeus, retiraram as mulheres e filhos e ocultaram os alimentos deixando os inimigos sem nada.

Schmidell destaca a localização dos Agaces dizendo “*Su poblado está situado en un río llamado Iepedy, al otro lado del Paraguay, que baja de las montañas del Perú, cerca de una ciudad que se dice Tuechkamyn. De los curemaguáes a los agaces hay treinta y cinco leguas de camino*”. (Schmidel: 1986, p. 44) Em nota, o tradutor da edição de 1986, destaca que o rio referido é hoje o Bermejo e a cidade é Tucuman. Logo após deixarem os Agaces para trás, se dão de encontro com os Carijós a certa de cinquenta léguas percorridas. (Schmidel: 1986, p. 44)

Antes de prosseguir o relato de Schmidell sobre os Carijós estava ele percorrendo regiões entre o rio Paraná e Paraguai. A partir das pesquisas realizadas nessa região, foram definidas as culturas arqueológicas Entrerrianas e Ribereños Plásticos. Foi constatado uma continuidade na confecção e decoração da cerâmica dessas culturas. Klaus Hilbert, faz sua caracterização dizendo que “*La cerámica de la cultura entrerriana presenta generalmente antiplástico de arena, empleando como técnica de decoración punteado e incisiones, sendo los motivos mas frecuentes en zig-zag, las gregas, punteadas en zonas, etc*”. (Hilbert: 1991, p.30)

Apesar dessa continuidade, existem diferenças nas formas decorativas da cerâmica, pois os Ribereños Plásticos incluíram, com o passar dos anos, formas zoomorfas e antropomorfas possivelmente alterando a sua função. Os Entrerrianos são habitantes do litoral e caçadores-coletores e pescadores, em contrapartida os Ribereños Plástico são mais

interioranos, sedentários e horticultores (NEETZOW: 1999, p15). Em nenhum momento, Schmidell relata a presença de horticultores nessa região que não os Carijós.

Diferentemente da descrição feita anteriormente, nesse momento Schmidell se detém bastante ao escrever sobre os Carijós. Dizendo que são cultivadores de milho, algumas raízes brancas que não são batatas e tem a aparência de maçã com o mesmo sabor da mandioca e de com a castanha esses índios fazem vinho. Também tem em abundância peixes e carne de veados, javalis, “*avestruces*” (emas), “*ovejas indianas*” (Lhamas), coelhos, galinhas e cabras, assim como mel que fazem vinho e muito algodão. (Schmidel: 1986, p. 44)

O conquistador ainda descreve que os Carijós habitam grandes extensões de terra. Em sua aparência física, são baixos e gordos. Os homens tem pequenos furos nos lábios onde colocam um cristal amarelo, “(...) *que en su lengua llaman parabol (...)*”.(Schmidel: 1986, p. 44-45) (seria essa uma outra forma de chamar o tembetá?) com dois palmos de comprimento e grosso como o talo de uma pena. Todos dessa etnia, seja as diferentes idades, seja os diferentes sexos, andam nus.(Schmidel: 1986, p. 44-45)

Sobre as diferentes formas de relações sociais o autor quinhentista coloca que o pai vende a sua filha, o marido a sua esposa, e mais raramente, os irmãos vendem ou trocam as suas irmãs. Os Carijós comem também carne humana, conforme Schmidell, somente em circunstancia de guerra em que as vítimas são os prisioneiros. São mortos e comidos os homens de qualquer idade, porém “*Si la mujer es joven y bonita, la mantienen durante un año o más, y si en este tiempo no les complace, la matan y celebran una gran fiesta y*

*banquete como en nuestras bodas. Pero si llega a vieja, la dejan vivir hasta que se muere de una muerte natural*". (Schmidel: 1986, p. 45) Por fim, Schmidell encerra sua descrição dizendo que esses índios viajam mais rápido e com mais frequência que qualquer outro povo do Rio da Prata. São bons guerreiros e suas terras e “*ciudades*” estão situados nas partes altas do rio Paraguai. (Schmidel: 1986, p. 45) **(Mais uma vez, volto a interar que existem inúmeras descrições de pesquisadores do século XX sobre os Carijós, porém estão mais explicitados no capítulo seguinte dessa pesquisa.)**

Após a essa descrição de Schmidell, denotam-se elementos da cultura que não poderão ser descobertos arqueologicamente, assim como, outros que são facilmente encontrados no solo. Tais características apontadas pelo autor alemão, são também apontadas pelos arqueólogos ao se referirem as culturas Tupi e particularmente o grupo indígena em questão. Podendo isso significar, que nesse momento, o autor do século XVI e os pesquisadores do século XX estão de pleno acordo ao descrever o grupo e a região e na época em questão.

Seguindo com sua viagem e relato os europeus encontram uma aldeia bem protegida com uma série de recursos arquitetônicos que são:

*“Su ciudad, que los moradores llaman Lambaré, está rodeada de dos cercas de palos del grueso de un hombre, hincados una braza en la tierra, de doce en doce pasos. Lo que sobresale tiene la altura de un hombre com la espada alzada. A quince pasos delante de la valla tenían hechos unos*

*fosos de una profundidad del tamaño de tres hombres, y en ellos habían clavado una madera dura com puntas agudas como agujas, que no descuellan. Los fosos estaban cubiertos de paja, ramitas y un poco de tierra e hierbas, para que nosotros cayésemos en ellos al perseguirles o si quisiésemos asaltar su ciudad”. (Schmidel: 1986, p. 45-46)*

Esses recursos para isolar uma aldeia também são descritos por Hans Staden **(prisioneiro dos tupinambá do rio Paraíba no ano de 1556)** o que nos remete, que essa é característica muito comum aos falantes do Tupi. Seriam esses Lambaré um povo igualmente falante Tupi ou um grupo conquistado pelos Carijós, no que se entende por Guaranização? Logo que a expedição europeia chega a essa aldeia:

*“ (...)la atacamos, pero ellos se defendieron como pudieron hasta el tercer día, cuando ya no fueron capaces de resistir, y preocupados y temerosos por sus mujeres e hijos que tenían consigo, pidieron clemencia prometiendo vivir como nosotros quisiéramos, com tal de perdonarles la vida. En esta escaramuza murieron dieciséis hombres de nuestro lado”. (Schmidel: 1986, p. 47)*

Com essa rendição os europeus puderam desfrutar de mordomias devido ao grau de submissão que os índios se encontravam. Trouxeram (os índios) mulheres para que lavassem as roupas dos europeus e que cuidassem dos feridos, entre outros afazeres, pois eram duas

mulheres para cada homem. Deram comida e tudo que lhes fossem pedido e Schmidell diz que “*Así nos quedamos en paz*”. (Schmidel: 1986, p. 47) Assim após a essas batalhas e tantos outros percalços, os europeus junto com alguns índios aliados chega-se aos seguintes dizeres:

*“Después, los carios tuvieron que edificar para nosotros una casa grande de piedra, tierra y madera para que, si con el tiempo sucediese que se rebelasen, los cristianos tuviémos un refugio y pudiésemos defendernos y protegernos. Tomamos este lugar el día de Nuestra Señora de la Asunción de año 1539, por lo que le dimos este nombre, y aún se llama así”.*

(Schmidel: 1986, p. 47)

O tradutor em uma nota revela a diferença de dois anos entre o relatado por Schmidell e a fundação de Assunción. Pouco antes da existência de da mencionada cidade, os europeus junto com os Carijós travaram uma batalha contra os Agaces, sendo esses últimos derrotados. Cerca de quatro meses após Assunción ser fundada, apareceram novamente os índios Agaces e “*Nuestro capitán general tuvo que perdonarlos, según el mandato de Su Cesárea Majestad de indultar al indio hasta tres veces; sólo si violaba la paz por tercera vez, quedaba esclavo o cautivo toda su vida*” . (Schmidel: 1986, p. 48) Dessa forma, algum respeito pela lei em referência ao índio foi cumprida.

## 2.5) Schmidell percorre o planalto quando o seu retorno à Alemanha:

Schmidell recebeu uma carta de seu irmão Tomas Schmidell, pedindo-lhe que se possível, retornasse a sua terra natal e de acordo com Maack: *“Tendo testemunhado a chegada de Cabeza de Vaca e a dos homens de Sanabria, resolveu o lansquenê organizar, baseado no conhecimento da existência das primitivas trilhas de índios, a viagem por terra até São Vicente”*. (Maack: 1981, p. 28) Tendo tido licença para ir, ficou ele (Schmidell) sabendo que viriam algumas pessoas para o Brasil. Esse navio procedente de Lisboa pertencia a Juan Hilsen um mercador do feitor Erasmo Schetz, de Amberes. Com isso:

*“(...) el día de San Esteban, que era el 26 de diciembre de 1552. Partí del Río de la Plata, de la ciudad de Nuestra Señora de Asunción, con veinte indios, en dos canoas. Y al cabo de cuarente y seis leguas llegamos a un poblado que se llama Hieruquizaba. Allí se nos juntaron otros cuatro compañeros y dos portugueses que se iban sin licencia de su capitán. De allí nos fuimos juntos y llegamos a las quince leguas a un lugar que se llama Guaray”*. (Schmidel: 1986, p. 102-103)

Logo em seguida, dezesseis léguas até um local chamado Gueguareté, depois mais cinquenta e quatro léguas até um outro lugar que se chama Guareté. Tiveram que subir cem léguas pelo rio Paraná. Por fim, chegam a um lugar de nome Guingui que é destacado pelo

autor como “ (...) *la tierra, que antes era de los carios, pertenece a Su Cesáres Majestad*”.  
(Schmidel: 1986, p. 103)

Da localidade de Guingui adiante, segundo o autor, iniciam os territórios do rei de Portugal, antiga terra dos Tupís.

*“(...) Los indios de esta nación comen a sus enemigos, por lo cual no hacen otra cosa que la guerra, y cuando vencen a sus adversarios, los llevan a su poblado com un acompañamiento semejante al de nuestras bodas. Luego, cuando quieren matar un cautivo o sacrificarlo, disponen una gran fiesta. Y mientras está preso, le dan todo lo que quiera y le apetezca, sean mujeres para que se divierta con ellas, sean viandas, hasta que llega la hora de morir. Esta gente no tiene outro solaz que guerrear continuamente, comer, beber y estar borracha día y noche, y bailar”.* (Schmidel: 1986, p. 103-104)

Schmidell, demonstra uma certa depreciação em relação aos a esse grupo indígena. Diz que levam uma vida desenfreada, são prepotentes e bebem o vinho de milho até caírem de bêbados. Porém nos indica um dado muito importante “*Su lengua es, com pequeña diferencias, la misma que la de los carios*”. (Schmidel: 1986, p. 103-104) Chegando assim, a um lugar chamado de Cariseba. Por fim encontram os índios chamados de Viazá que em suas terras passa o rio Uruguai. Percorrendo mais cem léguas chegam a um local de

nome Yerubatiba. **(Schmidel: 1986, p. 106)** Até que “(...) *el 13 de julio de 1553, llegamos a una pequeña ciudad llamada San Vicente, (...) Desde la ciudad de Asunción hasta San Vicente habíamos viajada seis meses, que son trescientas cuarenta y seis leguas de camino*”. **(Schmidel: 1986, p. 107)**

De acordo com o mesmo pesquisador, essa viagem só foi possível devido as acerca do percurso de caminho dos índios vindos do interior do continente, até a costa. Esse caminho era muito usado pelos índios em suas migrações do interior para a costa, vinha do rio Itapucu e da baía de São Francisco, percorria a faixa litorânea de Santa Catarina através de matas úmidas e levava em direção noroeste aos atuais Campos Gerais. Por fim, chegava nas proximidades de um grande aldeamento Tupi-Guarani. Sendo assim, um caminho transcontinental, conhecido dos índios como “Peabiru” **(Maack: 1981 p. 25)**

Esse caminho que o pesquisador comenta, é também bastante povoado por diferentes etnias indígenas. No próximo capítulo isso ficará mais evidente devido que Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, o governador do Rio da Prata indicado por Carlos V, se utilizará do Peabiru para percorrer a distância de Santa Catarina até Assunción, porém

*“Ulrich Schmidel, de Straubig na Baviera, foi o primeiro europeu que em 1552 atravessou o novo continente de oeste a leste, de Assunção no Paraguai até São Vicente na costa brasileira, em direção contrária à seguida por Cabeza de Vaca e os homens de Sanabria”.* **(Maack: 1981, p. 27)**

### **Capítulo 3: Alvar Nuñez Cabeza de Vaca: O governador do Rio da Prata inicia sua viagem América a dentro tendo seus contatos e deixando seu relato.**

#### **3.1) Introdução:**

Durante o povoamento da província platina, conforme visto anteriormente, o contato entre os europeus e o índios sempre foram marcados pelo encontro das diferenças. Ulrich Schmidell em seu relato constantemente revela o lado belicoso da conquista, pois devido as circunstâncias, as guerras entre nativos americanos e europeus eram uma constante. Conforme relatado anteriormente as disputas de poder também se faziam presentes resultando (não raras vezes ) em baixas realizadas por europeus em europeus nas terras americanas.

Nomeado por Carlos V como governador da província do Rio da Prata, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca inicia a sua viagem para tomar posse do cargo a qual foi designado. A trajetória por ele traçada até a chegada na cidade de Assunción (Nuestra Señora Santa Maria de la Ascensión da época) foi marcada, como não poderia deixar de ser, pelo contato com os índios. Porém em seu relato que se intitulou “comentários”, o tratamento entre os europeus e os indígenas é constantemente dita como amistosa. O destaque que é dado pelo conquistador espanhol, é o fato de sempre trocarem presentes e também, o grande pavor que os índios tinham do cavalo a ponto de pedirem para que os cavalos não lhes causassem mal algum.

Cabeza de Vaca, por razões que no presente momento tornam-se irrelevantes, decidiu ao desembarcar na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis) se deslocar por terra até a cidade

de Ascensión. Em seu relato sua intenção é de prestar socorro àqueles que lá estão, pois estava ciente que incidentes com os índios estavam ocorrendo, assim como, o início do processo de abandono da cidade portuária de Buenos Aires.

A trajetória e o contato com os índios são peças chaves para reconstituição da história do povoamento platino. A outra peça chave no qual está sendo utilizada para essa reconstituição são as pesquisas arqueológicas realizadas praticamente no mesmo espaço físico e publicadas para o livre acesso do público em geral. Novamente a união dessas duas fontes distintas serão de fundamental importância para a reconstituição do passado da região platina revelando as luzes e as trevas ainda existentes sobre o tema em questão. O presente capítulo terá maior destaque para a viagem feita por Cabeza de Vaca através de Santa Catarina e Paraná até a chegada na cidade de Assunción descrevendo os aproximados cinco meses de caminhada.

### **3.2) O desembarque de Cabeza de Vaca na Ilha de Santa Catarina iniciando-se os contatos:**

Cabeza de Vaca ao sair da Espanha, trouxe consigo víveres para o consumo durante a viagem, assim como, para os europeus que já estavam na América. No dia vinte e nove de março de 1541 chega na Ilha de Santa Catarina. O então governador mandou desembarcar toda sua gente e os vinte e seis cavalos que conseguiram sobreviver ao mar, dos quarenta e seis que saíram da Espanha (**Vaca: 1999, p.151**). Nessa circunstância, é que Cabeza de Vaca começa recolher informações sobre os cristãos que estavam vivendo na América. É relatado a ele, as grandes dificuldades devido o abandono de Buenos Aires e mais as

condições políticas e o incidente com os Payaguas conforme anteriormente mencionados no primeiro capítulo do presente estudo.

A partir das informações recolhidas, Cabeza de Vaca decidiu prestar socorro aos cristãos e ir a cidade de Ascensión, situada na ribeira do rio Paraguai, 120 léguas abaixo do porto de Candelária e distante 350 léguas de Buenos Aires, que por sua vez, está situada no Rio da Prata onde estavam até sessenta cristãos. A maior parte dos europeus que residiam na província platina estavam concentrados em Ascensión podendo ser denotado a importância dessa cidade na época em questão, podendo-se até mesmo arriscar mencionar de que se trata de um movimentado centro urbano. (Vaca: 1999, p.153) O número de habitantes em Ascensión é incerto, porém o fato de Buenos Aires possuir apenas cerca de sessenta europeus, implica na possibilidade de haver uma certa “desistência” dos europeus que nela viviam. Contudo, o governo espanhol não tinha a intenção de perder o porto que estava bem localizado.

No mês de maio de 1541, o governador enviou uma caravela com Felipe de Cáceres, contador enviado por Carlos V, para que entrasse pelo Rio da Prata, até Buenos Aires. (Vaca: 1999, p.152) Paralelamente a isso, tomou outra decisão, socorrer com uma maior urgência, aqueles espanhóis (e outros europeus) que estavam em Ascensión e na província de Buenos Aires. Decidindo que a melhor maneira, para executar sua decisão, seria buscar um caminho por terra desde a Ilha de Santa Catarina até Assunción, enquanto os navios seguiriam para Buenos Aires. (Vaca: 1999, p.154-155)

Ordenou ao feitor Pedro Dorantes que descobrisse um caminho por terra firme, pois já corria a notícia que era conhecida dos portugueses e os índios já haviam matado muitos deles desde que a descobriram. Assim Pedro Dorantes partiu com alguns cristãos europeus e índios interessante de ser destacado é que no relato de Cabeza de Vaca comenta-se a existência índios cristãos nessa expedição para encontrar a passagem até Assunción. **(Provavelmente a passagem que Dorantes se refere é um caminho até a chegar ao Peabiru e depois seguir por ele até Assunción)**

Passados três meses e meio aproximadamente, Dorantes retornou à ilha de Santa Catarina, sendo ele, aguardado por Cabeza de Vaca. Ao se encontrar com o governador Dorantes relatou, que atravessaram grandes serras e montanhas, tudo muito despovoado, e que chegaram até um local denominado de Campo **(Jurandir dos Santos tradutor da edição de 1999, faz referência a este local como Campos Gerais)** que é onde começam a surgir sinais de povoamento. Soube também, por intermédio dos índios da Ilha de Santa Catarina, que a maneira mais próxima e segura de se entrar para a terra povoada era através de um rio que estava um pouco mais acima, chamado Itabucu, que está na ponta da Ilha de Santa Catarina, a cerca de dezoito ou vinte léguas do porto da mesma. **(Vaca: 1999, p.155)** O governador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca estando de posse dessas importantes informações, inicia os preparativos para a expedição.

### **3.3) A partida para Assunción, os contatos interétnicos e as diferentes visões:**

#### **Relatos e as pesquisas:**

Cabeza de Vaca estando ciente das situações em que se encontravam os europeus na nova terra, embarcou no dia dezoito de Outubro de 1541 para a realização da expedição por ele premeditada. Dentre os recursos destinados a viagem seguiam os vinte e seis cavalos que ainda restavam. Cruzaram pelo rio de Itabucu, tendo tomado posse do mesmo e de toda aquela terra em nome do rei Carlos V. Essa pratica foi comum durante a expedição sendo esse mais um esforço espanhol para garantir as terras no novo continente. Ao tomar posse recebiam o título de terras novamente descobertas.

Cabeza de Vaca deu muitos presentes aos índios da ilha, para que ficassem contentes com sua estada por ali, tentando desmitificar a idéia de que os espanhóis eram perigosos. Conforme a reciprocidade dos indígenas muitos deles decidiram acompanhar os europeus em sua entrada pela terra, tanto para ensinar-lhes o caminho como para servi-los em quaisquer necessidades. **(Vaca: 1999, p.156)** Segundo seu relato, andou por dezenove dias, passando pela Serra do Mar, no norte do atual estado de Santa Catarina e por conseguinte sul do estado do Paraná. Essa caminha foi solitária não encontrando povoado indígena nenhum e a situação já estava ficando difícil devido a escassez de mantimentos.

Logo após a essas dezenove jornadas chegam aos Campos Gerais onde encontram três povoados indígenas, que se segundo o então governador do Rio da Prata, os chefes tinham os nomes de Añiriri, Cipoyay e Tocanguanzu. Quando esses índios souberam de sua chegada saíram para recebê-los, carregando consigo, com muitos mantimentos,

demonstrando grande prazer com a sua vinda. Cabeza de Vaca também os recebeu com grande prazer e amizade deu aos índios e principalmente os chefes muitos presentes, entre outras coisas camisas, o que os deixou muito contentes.

De acordo com o que revela Cabeza de Vaca, esses índios pertencem à tribo dos guaranis; “*são lavradores que semeiam o milho e a mandioca duas vezes por ano, criam galinhas e patos da mesma maneira que nós na Espanha. Possuem muitos papagaios, ocupam uma grande extensão de terra e falam uma só língua*”. (Vaca: 1999, p.157) Em relação aos nativos habitantes da Ilha de Santa Catarina nos relatos históricos denotam-se a presença dos Carijós. Arqueologicamente existem estudos que a isso pode confirmar como é o caso dos estudos realizados no local em questão, pois segundo Rohr “*o Carijó do tempo da conquista, apelidava a Ilha de S. Catarina de JURERÊ MIRIM ou JURUMIRIM, i. é ‘boca pequena’*”. (Rohr: 1959, p.200).

Na mesma data Pedro Ignácio Schmitz também torna público os resultados de sua pesquisa dizendo que os carijós, de origem guarani, dominavam a Ilha de Santa Catarina na época do descobrimento. Esses índios haviam auxiliado os espanhóis e os portugueses para que pudessem realizar com sucesso a conquista do novo mundo. O autor também afirma, que além de toda a Ilha de Santa Catarina a ocupação Carijó pode se estender ao longo da costa, desde o estado do Rio Grande do Sul, até o interior de São Paulo e possivelmente, uma porção do interior do sul do Brasil. (Schmitz: 1959, p.271) Schmitz ainda revela que:

*“A desgraça do carijó começou no momento em que as duas abrigadas baías, formadas entre a ilha e o continente, foram*

*procuradas pelas expedições do Prata. De boa índole, o carijó recebia sempre bem os navegantes ou náufragos, sendo por êles, em recompensa, explorado e mais tarde completamente destruído. (...) O Carijó recebera cordialmente a todos os brancos, pondo-se a seu serviço, ajudando-os nos seus misteres, tomando parte no concêrto das avarias conseqüentes às longas viagens e contribuindo para o reabastecimento de todos os navios”. (Schmitz: 1959, p.272)*

Além dessas contribuições Schmitz realizou um estudo detalhado sobre a cerâmica no qual é definida como sendo pertencente aos Carijós observando “*que existem dois tipos distintos, sendo o mais simples o de ornato gravado, e o mais bem acabado o de motivos, geralmente zonários, pintados em vermelho, ou vermelho e preto, sôbre fundo branco(...)*”. (Schmitz: 1959, p.297). Além do que o mesmo autor afirma que essa tipologia cerâmica é muito comum aos guaranis a aos tupis. (Schmitz: 1959, p.297)

As técnicas de confecção da cerâmica são conhecidas, diz o autor, no que diz respeito ao roletado e o cozimento, as formas externas dos recipientes, a ornamentação com motivos, desenhos e cores idênticos e repetitivos em todo o território em questão. Porém, “*As modificações podem consistir no acréscimo de algum motivo novo, numa conformação levemente diferente, ou na ocorrência em proporções de formas comuns*”. (Schmitz: 1959, p.297)

Levando-se em consideração a afirmação da imensa área ocupadas pelos Carijós o mesmo pesquisador, anteriormente citado, torna público outras idéias segundo as suas pesquisas realizadas em campo. Em outras localidades de Santa Catarina:

*“(...) A cerâmica gravada da jazida páleo-etnográfica de Itacoara, é por assim dizer idêntica à da Ilha de Santa Catarina, tanto nas formas quanto no ornamentação e isso não é de admirar, visto o mesmo povo carijó ter ocupado a ilha e o litoral onde se encontra a jazida descrita. Infelizmente os demais fragmentos, outrora pintados, já nenhum ornato conservaram, impossibilitando um comparação de motivos ornamentais, que certamente confirmariam a nossa conclusão”. (Schmitz: 1959, p. 297)*

Importante de ser destacado é que a conclusão a qual se refere o autor é em relação a vasta área de ocupação dos índios Carijó. Uma pesquisa realizada em Osório revela a semelhança, em relação a cerâmica, entre a desta localidade com a da Ilha de Santa Catarina. As semelhanças, explica o autor, diz respeito aos motivos ornamentais pintados ou não. Em sua maioria idênticos (Osório e Santa Catarina) e a predominância dos recipientes pequenos em relação aos grandes. As diferenças apontadas pelo pesquisador estão em relação as formas da cerâmica sem pintura. Em Osório as formas, eram em sua maioria, dupla ou tripla, com superposição de corpos, a medida que em Santa Catarina esses tipo de manifestação era rara. (Schmitz: 1959, p. 297-298)

As conclusões apontadas para essas pesquisas são que a cerâmica da Ilha de Santa Catarina possui semelhanças e está bem próxima do material tupi, sem perder as características guaranis já definidas pelos arqueólogos. **(Schmitz: 1959, p. 298)** O mesmo povo habitante de Florianópolis também eram os ocupantes do litoral onde está situada o sítio Itacoara. Eram parentes muito próximos aos arachãs da região de Osório. Pertencentes ao mesmo grupo de guaranis da Bacia Platina, tendo se diferenciado em pequenos matizes, pois estavam distantes do seu núcleo, recebendo em troca, elementos do grupo tupi que lhes eram mais próximo. **(Schmitz: 1959, p.298)**

No que se diz respeito a arqueologia de Santa Catarina, existem inúmeras pesquisas, com as quais sua relevância na reconstituição do passado e na construção da ciência não podem ser deixadas de lado. Por se tratar de uma área litorânea, como é sabido, a presença de sambaquis no Brasil é uma constante. Evidentemente que a presença das culturas sambaquianas são extensamente anteriores aos primeiros contatos entre os europeus e os americanos. Porém, elementos culturais dos sambaquis perpassam o tempo sendo presente aos índios dos primeiros contatos e também, a constante reocupação dos acúmulos conchíferos.

O pesquisador Alfredo Rohr torna público as suas considerações sobre a classificação do grau desenvolvimento cultural de um determinado povo utilizando dos exemplos, por ele conhecidos, os sambaquis através dos vestígios deixados na natureza:

*“Cerâmica. A arte de fabricar vasilhames de vaso cozido, muito vulgarizada e aperfeiçoada entre alguns povos*

*indígenas, era de todo desconhecida de outros. As peças de cerâmica, mais ou menos bem acabadas em forma e decoração, constituem um dos critérios mais importantes de julgar o grau de cultura de um povo. (...) Os etnólogos, geralmente, admitem, que o homem construtor dos sambaquis, desconhecesse o uso da cerâmica. Do outro lado sabemos, que o barro cozido desempenham um papel muito importante, na vida dos indígenas da história mais recentes”.*

**(Rohr: 1959, p. 220)**

Além contribuição anteriormente descrita o mesmo pesquisador realiza suas elucubrações sobre a cerâmica indígena da Ilha de Santa Catarina informando que são abundantes, com decoração ou não. Chama a atenção para três peças dos terrenos da Base Aérea recolhido por Carlos Berenhäuser:

*“A primeira é um fragmento da borda superior de uma vasilha com gargalo, que teria uns 16 cms. de diâmetro de boca e de 6 a 7 mm. de espessura de parede. É única peça que apresenta decorações, constantes de depressões regulares e simétricas em forma triangular. As depressões menos profundas, ficam, duas a duas, encostadas uma na outra por um ângulo. Desta juxtaposição resulta uma espécie de chave gráfica, como se usa na matemática, que daria*

*também um bom motivo para o número 'três' cheio, como se usa na arte moderna. A terceira depressão, mais profunda,*

Ainda cito:

*ocupa um lugar pouco acima da figura precedente. Vista no seu conjunto, esta decoração muito simples e primitiva, dá uma impressão de suave beleza". (Rohr: 1959, p.221)*

Esse tipo de comentário realizado pelo pesquisador Rohr, nos revela aspectos importantes sobre a ciência dos anos de 1959. É muito interessante (particularmente) denotar as mudanças que existem no tipo de pensamento de poucos anos para cá. Nos dias atuais, divulgar tais expressões “grau de cultura de um povo” seria um bom motivo de desconsideração, por parte do meio acadêmico, sem antes realizar uma exaustiva pesquisa conceitual sobre o assunto. Isso em parte se explica devido a constante criação e discussão de conceitos que os pesquisadores atuais realizam sobre a ciência a qual atuam. Porém, o pesquisador anteriormente citado, fica admirado com a “suave beleza” da “arte primitiva” retirando a idéia de que tudo que é “primitivo” não possui o seu encanto de beleza.

Além dessas informações, o pesquisador em questão, divulga uma detalhada descrição do material encontrado no sul da Ilha de Florianópolis, que são procedentes de sambaquis. Importante de ser destacado é a presença de tembetas nos sambaquis. Esse elemento da cultura indígena se faz presente em inúmeras culturas contemporâneas aos sambaquis e também mesmo muito posteriores como é o caso dos Guarani que estão constantemente em contato com Cabeza de Vaca em sua caminhada através de Santa Catarina, Paraná até a cidade de Assunción.

### **3.4) Os relatos e as pesquisas: visões sobre estado do Paraná:**

Antes de se deslocar dos três povoados Guarani anteriormente citados, Cabeza de Vaca tornou a tomar posse das terras em nome do rei dando o nome de província Vera. No dia vinte e nove de Novembro, a expedição saiu da aldeia do cacique Tocanguanzu e, dois dias depois, portanto primeiro de Dezembro “(...) *chegou a um rio que os índios chamam de Iguaçu, que quer dizer água grande*”. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.158)** Chegando ao Iguaçu, seguiram por mais dois dias e no dia três dias Dezembro se dão de encontro com outro rio que, segundo o relato, os “(...) *índios chamam Tibagi que era ladrilhado, com lajes grandes e tão bem formadas como se ali tivessem sido colocadas pelo homem*”. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.158)**

Nessa mesma localidade, porém cerca de duas léguas, alguns índios vieram receber a expedição de Cabeza de Vaca, trazendo consigo mantimentos. Em contrapartida, o europeu governador do Rio da Prata, dava muitos presentes aos índios, principalmente aos caciques. Nesse mesmo dia (três de Dezembro) estão junto a outro povoado de indígena, que segundo o relato, o cacique era chamado de Tapapiraçu. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.158 - 159)**

No vale do rio Iguaçu a ciência arqueológica, através de seus pesquisadores, revelam ricas informações sobre os habitantes da América, principalmente antes do contato com os europeus. Isso não significa que necessariamente esses índios, relatados por Cabeza de Vaca, são os mesmos que os arqueólogos iram encontrar os vestígios séculos depois, mas sim, que através do confronto entre essas duas fontes se possa melhor analisar, o imenso processo de ocupação da América. De acordo com a orientação teórica da arqueologia

brasileira da época de finais dos anos 60, as pesquisas se destinavam a identificar fases de uma tradição.

Utilizando-se da nomenclatura dada pelos pesquisadores no vale do rio Iguaçu existem diferentes fases da tradição Umbu. O pesquisador Igor Chmyz localiza e descreve a assim chamada Fase Bituruna, Iguaçu e Potinga:

*“Os sítios desta fase, localizados no médio Iguaçu, ocupavam elevações de 80m, e cerca de 400m de distância da margem do mesmo. (...) São comuns nesta fase, os fogões de pedras dispostas mais ou menos em círculo. Na periferia dos fogões jaziam centenas de lascas e lâminas, resultantes de confecção de artefatos”.* (Chmyz: 1969a p. 18)

O mesmo autor, realizou uma detalhada descrição do tipo de material arqueológico encontrado nos sítios da fase Bituruna. Os artefatos em pedras, foram elaborados sobre lascas ou ainda sobre núcleos. A matéria-prima utilizada, foi retirada, segundo o autor, de numerosos diques existentes na região, ou de seixos rolados. Os artefatos mais freqüentes são *“(...) os grandes raspadores plano-convexos, raspadores terminais e laterais, pontas bifaciais espessas, fôlhas bifaciais de formato elíptico e muito delgadas, outras, menores, de formato circular ou quadrangular e facas de formato trapezoidal, com retoques em tôdas as arestas”.* (Chmyz: 1969a p. 18)

Chmyz destaca as peças mais sugestivas da fase, que caracterizam bem a tradição Umbu que são as pontas de projéteis. Na referida fase, foi classificadas em três grupos: O primeiro é constituído por pontas consideradas de grandes dimensões, pois geralmente atingiam 10 cm de comprimento, com pedúnculo e aletas. O segundo grupo, também pedunculadas e com aletas, não ultrapassam a 4 cm de comprimento. Finalmente o terceiro grupo são de pontas do tipo foliáceo, de base arredondada. **(Chmyz: 1969a p. 18)**

A fase cujo nome é idêntico ao do rio (Iguaçu) localiza-se no vale do rio Vermelho, um afluente do curso médio do rio Iguaçu. Em todos os sítios da mesma existia presença de nódulos de diabase fortemente alterados pela ação do fogo. Dessa ocorrência freqüente, o pesquisador Chmyz indica que talvez estejam relacionados com o processo de aquecimento indireto de água. Também nesta fase foram descobertos fogões de pedras dispostas em círculo. **(Chmyz: 1969a p. 18)**

Os artefatos conhecidos, em sua maioria, foram confeccionados em lascas e núcleos de arenito fritado, retirados de seixos rolados. Existe uma diferenciação, apontada pelo pesquisador, enquanto aos artefatos de pequenas proporções que foram trabalhados em sílex. As peças que são as consideradas características da fase Iguaçu, “(...) *elaboradas sobre núcleos de arenito fritado, são os raspadores plano-convexos e os com escotaduras. Outras, elaboradas sobre lasca da mesma rocha, são as facas bifaciais e alguns raspadores laterais e terminais*”. **(Chmyz: 1969a p. 18)**

A fase Potinga estão localizados no vale do rio Potinga, que também é afluente do curso médio rio Iguaçu (talvez seja por isso o nome da fase). A matéria prima utilizada para

a confecção dos artefatos, são o sílex e a obsidiana. O pesquisador destaca que entre o conjunto do material arqueológico se destacam as pontas de projéteis com aletas e pedúnculos, medindo no máximo até 3 cm de comprimento. São comuns os raspadores laterais e terminais, perfuradores, folhas bifaciais de formato elíptico e outras de formato alongado. Outro elemento da cultura material bastante freqüentes nos sítios dessa fase são os buris. Outras particularidades que o pesquisador destaca, é quantidade numérica elevada de lascas e lâminas. Enquanto ao tipo de lascamento por pressão, na presente fase foi praticado em todos os artefatos elaborados. **(Chmyz: 1969a, p. 19)**

Conforme mencionado anteriormente, esses vestígios encontrados pelos arqueólogos não correspondem necessariamente aos vivenciados e relatados por Cabeza de Vaca. Na pesquisa publicada por Schmitz em 1985, existe a seguinte revelação:

<b>FASE</b>	<b>NÚMERO DE SÍTIOS</b>	<b>DATA</b>
Bituruna	2	Estimada por Chmyz: 3.000 AP
Iguaçu	3	3.110 $\pm$ 140 a 730 $\pm$ 50 (SI-802 e 147)
Potinga	4	Estimada por Chmyz: 3.000 AP

Tais dados, ao serem analisados, podem sofrer críticas enquanto a forma com as quais esses foram coletados. Porém não se trata aqui de criticar os métodos, que com o passar dos

tempos, sofreram modificações tornando até possível o desprezo dos mesmos. Já que os dados estão presentes qual seria o problema de analisa-los com referenciais diferenciados daqueles usados anteriormente? Por isso, é que se confirma a idéia de desencontro entre o Cabeza de Vaca e os achados arqueológicos.

Esse desencontro, não significa que os cientistas jamais encontrarão através dos vestígios materiais daquilo que Cabeza de Vaca retrata. De certa forma, esse desencontro pode ser estar relacionado com o tipo de questão em que o científico esteve investigando. Se existe uma questão a ser respondida, seguindo um método, o referido problema será resolvido e, de certa forma, serão desprezadas aquelas que surgirão (**esse desprezo não significa que em outra pesquisa ela se torne a problemática principal**).

Conforme é sabido, o nomadismo era uma pratica constante por parte dos índios, com isso, aqueles que Cabeza de Vaca relata o contato algum tempo mais tarde os mesmos não mais se encontram no local descrito pelo conquistador sendo esse outro motivo para o desencontro entre ele e os arqueólogos. Além dessas considerações, o que não pode ser deixado de a margem das análises é o fato de tais descrições terem sido escritas anos após o fim dos acontecimentos. Cabeza de Vaca, assim como Ulrich Schmidell, deixaram seus relatos para a posteridade, porém foram feitos de memória. O que poderá nos garantir a precisão dos acontecimentos? Não apenas isso, pois a maneira com que foi escrito relata, de certa forma, como era a visão de mundo da época tanto que não é idêntico o relato de contato entre os mencionados autores do século XVI.

Dando seguimento a sua viagem, ainda no vale do rio Iguaçu, Cabeza de Vaca se dá de encontro com um índio do natural do litoral brasileiro. Importante de ser destacado, é que tal índio já estava convertido ao cristianismo e com isso recebeu o nome de Miguel. O índio cristão vinha da cidade de Assunción, a primeiro instante o fato alegrou muito a Cabeza de Vaca, pois o mesmo pode ter acesso a informações da referida cidade, assim como, as dificuldades que os espanhóis tem enfrentado desde a morte de Juan de Ayolas. Miguel (o índio cristão) desejou retornar a Assunción acompanhando Cabeza da Vaca, este por sua vez, dispensou e fez com que retornassem os índios que saíram em sua companhia desde a Ilha de Santa Catarina, dando-lhes muitos presentes e agradecimentos pelos bons serviços que prestaram. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.159)**

Dadas essas ordens o governador do Prata segue seu trajeto por aquelas terras e chegam a um povoado Guarani, cujo cacique, segundo o relato, chamava-se Pupebaje. Assim, no dia sete de dezembro chegaram a um rio que os índios chamam Taquari **(hoje rio Ivaí)** e em suas margens está assentado outra aldeia Guarani e o cacique chamava-se Abangobi. Andando mais sete jornadas (portanto dia quatorze de Dezembro), se dão de encontro com outro povoado Guarani no qual seu chefe chamava-se Tocangucir. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.160-161)**

As margens do Rio Ivaí o então governador quinhentista nos relata a presenças dos Guarani. Torna-se notável que segundo os cientistas de séculos após também confirmam tal presença, pois Igor Chmyz tornou público que:

*“O Rio Ivaí e seus numerosos afluentes formam a maior bacia fluvial dentro do Estado do Paraná. (...) As pesquisas sistemáticas desenvolvidas nos anos de 1966 e 1967, abrangendo trechos do curso médio do Rio Ivaí, revelam 39 sítios arqueológicos. Dêstes, 25 eram cerâmicos e pertencentes a povos de tradição Guarani”.* (Chmyz: 1968b, p.175)

Além dessas informações o dito pesquisador identifica e destaca as fases por ele criadas. Uma delas é a fase Condor no qual os achados foram mais numerosos. De uma forma geral, segundo Chmyz, os sítios situam-se entre 150 a 800 metros da margem. Os restos materiais situavam-se em áreas de aproximadamente 25 x 20 m. Essa medida é referente a mancha escura no qual o material arqueológico estava depositado. Após atingirem 30 cm, nas sondagens mais profundas, encontrava-se a camada estéril. Com esses dados nas mãos, o pesquisador conclui que todos os sítios eram de habitação, havendo alguns com evidências de sepultamentos em urnas. **(Chmyz: 1968b, p.177).**

Ao colocar os resultados das pesquisas arqueológicas está sendo afirmado de que eram esses os Guaranis que Cabeza de Vaca teve contato. Infelizmente, não há como (até então) precisar com provas plausíveis tal confirmação. Porém o que se pode com certeza mencionar é que houve o contato entre os europeus e os Guaranis da região do vale do rio Ivaí no qual é confirmado pelo relato histórico, e que arqueologicamente falando, essa região também é conhecida como área de domínio Guarani. Agora se essas duas fontes estão se referindo ao mesmo grupo de pessoas, por enquanto a resposta é: quem sabe?

Como não podia deixar de ser, o pesquisador até então referido, torna público outra fase arqueológica que tem o mesmo nome que o rio no qual se está mencionando. Todavia os sítios arqueológicos da referida fase possui características um pouco diferentes, pois de maneira geral estão localizados de 20 a 300m de distância do rio principal, outro destaque que é dado pelo autor é que alguns estão distantes cerca de 15m, ou ainda, até 16km do mesmo rio. Além, do que aparecem marcas de ocupação no topo de elevações com até 100m acima das águas do rio Ivaí. **(Chmyz: 1969a p. 17)** O material arqueológico da fase Ivaí consta de:

*“O arenito fritado, a matéria-prima utilizada com mais frequência para a confecção de artefatos, foi conseguido através de seixos rolados, abundantes na região. Também o meláfiro e o sílex foram utilizados. São mais numerosos os artefatos elaborados sobre núcleos: percutores, talhadores (choppers), picões, lesmas e uma variedade de raspadores. Sobressaem os raspadores circulares, plano-convexos, laterais e com escotaduras. Em alguns artefatos, especialmente os com escotaduras, percebe-se um lascamento secundário”. (Chmyz: 1969a p. 15).*

Outros dados importantes a região é a utilização das casas subterrâneas, pelas populações indígenas pré-contato que são encontradas em abundância as suas marcas no solo do planalto meridional. Podem ser reunidas informações sobre o modo de vida dessas populações semi-sedentários, pois ocupavam as casas conforme as estações do ano,

migrando do planalto para costa. Possuíam traços culturais, próprios e permaneceram na região desde 6.000 A.P. (por isso tradição milenar) até o contato com os Guarani podendo eles terem sido Guaranizados. A área de ocupação é o sul do Brasil, noroeste da Argentina e o leste do Paraguai<sup>40</sup>.

Ao ter contato com as informações provenientes de todas essas pesquisas, assim com os relatos deixados por pessoas que, de alguma forma viveram tais experiências, sempre surgem dúvidas, pois na maioria dos casos as fontes convergem para a diacronia. Conforme já mencionado, existem diferentes classificações arqueológicas e com isso foram criadas datações, sendo essas um dos motivos das divergências. Ao grupo Guarani, pouco é referido o uso e manuseio com material lítico. Neste caso, dúvidas surgem devido a maneira de vida desses índios e suas ferramentas para a manutenção de sua subsistência.

O então governador do Prata após ter contato com os índios da região do rio Ivaí, resolveu seguir a sua jornada em direção ao seu destino a cidade de Assunción. Seguindo caminhando com sua gente, desde o dia quinze até o dezoito do mês de dezembro não encontraram nenhum outro povoado indígena e as condições de sobrevivência novamente começam a ficar difíceis. Então no dia dezenove, Cabeza de Vaca e sua expedição encontram outro povoado de índios Guaranis. Novamente se repete aquela recepção calorosa com a qual os índios vem trazendo suas mulheres e filhos, além de muitos mantimentos, como galinha, batata, pato, mel e farinha de milho. Nesse trecho da viagem é muito interessante que além dos mantimentos inúmeras vezes descritos, existe outro que é a *“farinha de pinheiro, que produzem em grande quantidade, porque há pinheiros tão*

---

<sup>40</sup> Ver: KERN: 1994, e REIS: 1997

*grandes por ali que quatro homens com os braços estendidos não conseguem abraçar um”.*

**(Cabeza de Vaca: 1999, p.161-162)**

Por se tratar de estar próximo de uma data comemorativa cristã (o Natal), Cabeza de Vaca se fixou a esse povoado de Tugui tanto em respeito, como para que sua gente descansasse. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.163)** Segundo nota do tradutor da edição de 1999 e pesquisa realizada por Reinhard Maack Cabeza de Vaca *“transpôs o rio Ivaí acima do salto Ubá e venceu, em fins de Dezembro, com a sua tropa exausta e com grandes sacrifícios, a escarpa para o terceiro planalto, pelo vale do rio Pedra Preta.”* **(Maack: 1981, p. 25)**. Assim esses índios aos quais os europeus passaram o Natal estavam localizados nessa região ao qual esses pesquisadores apontam. Interessante de mencionar também é o encontro de religiões que mesmo nos primeiros contatos já estavam existindo. Além da existência do índio Miguel, os europeus dentro de uma aldeia indígena comemoram o Natal, logicamente despertando nos índios ao menos uma certa curiosidade.

Ao serem mencionados esses acontecimentos torna-se lícito tecer algumas considerações sobre o território em questão e também, fato de que os Guarani dessa localidade produzirem farinha de pinhões. De acordo com Arno Kern ao se referir a ocupação do planalto meridional considera que *“grupos de caçadores-coletores que ali estiveram estabelecidos no mínimo durante quatro milênios, entre 6.000 e 2.000A.P., até o início das transformações culturais trazidas pelas técnicas da horticultura e da produção da cerâmica<sup>41</sup>”.*

Já que Cabeza de Vaca encontrou-se com índios Guarani, pode ter vivenciado o chamado fenômeno de Guaranização. Referindo-se ainda ao mesmo pesquisador, coloca que lhe parece indiscutível a introdução de padrões culturais nesses grupos de caçadores-coletores e também a invasão lenta e gradual dos Guaranis na região colocando dando início ao processo de neolitização<sup>42</sup>. Com isso, não tratam de certezas visualizadas pelo governador do Rio da Prata mas sim, de mencionar um pouco mais da história americana pré-contato e levantando algumas reflexões que se mostram pertinentes.

A Guaranização é decorrente do tipo de relação social que esse grupo mantinha com grupos não Guarani. O pesquisador André Soares explica essa relação como sendo de forma guerreira. Essas guerras podem ser desde lutas travadas, ou até furtos realiza dos pelos Guaranis sobre outra etnia, é comum o rapto de mulheres assim incorporam-se as atividades culturais Guarani em caso de um resgate. Com isso, os grupos não Guaranis pouco a pouco entram no mecanismo expansivo da sociedade Guarani. Além dos raptos, os casamentos e as guerras também são fatores que permitem a dominação Guarani.

Assim no dia vinte e oito de dezembro a expedição de Cabeza de Vaca deixou a localidade. Traçando sua rota por terra, caminharam todo o dia (28) sem encontrar nenhum povoado indígena. De deram apenas de encontro com um rio muito largo e caudaloso, com grandes correntes, tendo em sua margem muitas árvores, ciprestes e cedros. Foram necessários quatro dias de grande trabalho para atravessar aquele rio. Depois disso, passaram por cinco povoados guaranis. (**Cabeza de Vaca: 1999, p.163**) Interessante de ser

---

<sup>41</sup> KERN, Arno Alvarez **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, p. 42, 1994.

<sup>42</sup> Ibidi, p. 52.

destacado, é que já como não haviam encontrado nenhum povo nativo, nesse trecho não aparece o nome dado pelos índios da época ao mencionado rio. Contudo Maack afirma que após passarem o rio Pedra Preta “*Em seguida, Cabeza de Vaca abandonou o Peabiru e, tomando um ramal para o sul, transpôs o alto Piqueri e o rio Cobre*” (Maack: 1981, p.26)

Mais uma vez, permaneceram nas Guaranis para outra data festiva que era a passagem do ano novo. Então o dia primeiro de janeiro de 1542, Cabeza de Vaca partiu da referida localidade, para enfrentar montanhas e canaviais. As dificuldades que esses europeus passam, nesse trecho são inúmeras, pois do dia de saída até cinco dias após não encontraram nenhum povoado. Nesse caminho, segundo o relato, passaram por dois rios grandes e muito caudalosos e no dia seis de janeiro, vieram a dormir na ribeira de outro rio muito caudaloso e novamente sem encontrar nenhum povoado indígena. (Cabeza de Vaca: 1999, p.164) Todavia, entre os dias seis e dez de janeiro Cabeza de Vaca e sua expedição tiveram contato com muitos povoados de índios guaranis, cujo tratamento de forma alguma se diferenciou daqueles já descritos anteriormente. (Cabeza de Vaca: 1999, p.165)

Esses rios com as quais o relato informa provavelmente seja aquele que os geógrafo Maack, indica porém até o presente momento desconhece-se pesquisas arqueológicas dessa região que possam confirmar, ou não, a existência dos mesmos através das fontes deixadas nos arquivos do solo platino. Isso pode ser mais um caso onde os silêncios se manifestam, pois assim como na ciência os próprios colonizadores omitem algumas passagens mesmo quando fazem seus relatos. Até então, não é prudente, indicar as causas desses silêncios mesmo porque em nenhuma parte estão demonstradas de forma tão explícita.

Seguindo por seu caminho, no dia quatorze de janeiro, Cabeza de Vaca e sua comitiva, chegaram a um rio, que segundo o relato, era muito largo e caudaloso que os índios o chamavam de Iguçu. Mais uma vez, havia um povoado Guaranis, que igualmente dispensaram o mesmo tratamento cordial. O então governador do Prata destaca algumas características que são relevantes e passíveis de análise. A primeira delas é a presença de pinheiros, em seguida, que era uma aldeia muito expensa, pois estavam sob toda a ribeira do dito rio. Logo após essas informações no relato surgem algum juízo de valor nos demonstrando um pouco da mentalidade de Cabeza de Vaca, e por consequência da época em questão, “(...) *ali a gente mais rica de todas essas terras. São lavradores e criadores, além de ótimos caçadores e pescadores*”. (Cabeza de Vaca: 1999, p.166)

Como é sabido, Cabeza de Vaca está inserido no século XVI, isso quer dizer que ele ao rotular esses índios como ricos se trata da posse de extensões de terras, porém não é apenas essa a maneira de expressar esse juízo de valor. Um dos maiores interesses dos conquistadores europeus estava também na possibilidade de obtenção de metais e pedras de precioso valor econômico. As terras em questão eram habitadas por índios Guarani esses, por sua vez até o presente momento, não se tem informação que se utilizavam metais nobres para a confecção de ornamentos ou de quaisquer utensílios. Esse pode ser mais um dos silêncios tanto do relator, quanto do pesquisador que não informou a existência da matéria em questão, ou ainda, afirmar que negar com comprovações que as mesmas não eram utilizadas pelos Guarani.

Dando continuidade a viagem de Cabeza de Vaca, nessa altura dos acontecimentos, estão ele localizados entre os rios Piqueri e Iguçu. Todavia ao se tratar desse último, estão

próximos a foz do Cotegipe, importante ser destacado, é que no relato fica um pouco confuso a localização, pois Cabeza de Vaca hora se refere a um, hora a outro. Durante a passagem por esses rios alguns europeus adoeceram então o governador do Prata os deixou aos cuidados dos índios de um povoado situado junto ao rio Piqueri (**Cabeza de Vaca: 1999, p.167**) e tão logo se recuperassem, que os ajudassem a alcançar a expedição que seguia seu trajeto. Logo após deixar os índios do rio Piqueri, Cabeza de Vaca passou por muitos povoados indígenas. No seu relato sobre esse trecho, diz que por onde passava, os índios cantavam e dançavam e sentiam maior prazer quando as velhas se alegravam, pois (os índios) eram muito obedientes a essas, o mesmo não se dando com relação aos velhos. Depois de andar oito jornadas (dias) por terras despovoadas, chegaram novamente a outro trecho do rio Iguaçu. (**Cabeza de Vaca: 1999, p.167**)

Em se tratar do rio Iguaçu, acredita-se que não se torna necessário retomar os achados arqueológicos da região, porém existe uma afirmação de um cientista que não se pode deixar de lado, pois segundo Maack *“Foi este o primeiro grupo de europeus a avistar os majestosos saltos do Iguaçu, nos quais alguns espanhóis perderam a vida”*. (**Maack: 1981: p.26**). Seguindo a sua viagem, os índios da região informaram que o rio Iguaçu entra no rio Paraná e que esse, por sua vez, entra no rio da Prata. Logicamente, essas “facilidades aparentes” eram sem dúvida alguma passíveis de contestação. Ao chegarem no rio Iguaçu abaixo, a correnteza era muito forte que as canoas corriam com muita velocidade. Logo adiante do ponto onde embarcaram o rio dava uns saltos por penhascos e a água golpeava a terra com tanta força que muito longe se ouve o ruído (**Cabeza de Vaca: 1999, p.168**)

Logo que Cabeza de Vaca e sua comitiva passaram pela foz do rio Iguazu, chegam no rio Paraná onde segundo o relato “*Na margem do rio (Paraná) estava postado um grande número de índios guaranis*”. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.169)** Assim o governador partiu por terra para a cidade Ascensión que segundo informações dos índios, estava a nove jornadas (dias) dali. Antes de partir, Cabeza de Vaca, mais uma vez, tomou posse do rio Paraná e continuou caminhado aquelas terras, voltando a passar por povoados de índios guaranis. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.170)** Interessante, que no relato desse conquistador europeu, aparece como comum os índios irem à frente abrindo caminho e, à medida que a comitiva se aproximava de Assunción, os nativos virem até o então governador falando a língua castelhana, e dizendo constantemente que estava chegando em boa hora. **(Cabeza de Vaca: 1999, p.172)**

Essa passagem do relato é muito importante e de forma alguma poderia ser deixada a margem das análises. Os índios que estavam próximos a dita cidade já estavam praticamente vivendo ao molde europeu, tendo levado em consideração ao fato de que falavam a língua do velho mundo. Evidentemente que, para realizar tal afirmação levando-se em conta apenas uma variável será motivo de muita discussão e provavelmente um certo descrédito pelo meio científico acadêmico atual. A discussão iria iniciar com uma contestação do conceito de cultura, para assim se dizer, que se trata de um processo de aculturação. Assim outras dúvidas surgirão como por exemplo: 1) o relato de Cabeza de Vaca é verídico levando-se em conta que foi escrito de memória? 2) quem pode garantir que mesmo falando o idioma dos espanhóis os índios deixaram de praticar rituais, fabricar de utensílios, fazer horticultura conforme a sua maneira e por conseguinte a sua cultura? Assim como tantas outras.

Existem inúmeras respostas para essas dúvidas, pois a ciência que está em constante construção pode deixar claro algumas dessas interrogações. Porém como se trata de uma pesquisa que pode, de alguma maneira, contribuir para a construção da ciência acredita-se que já como o relato de Cabeza de Vaca é uma das poucas fontes primárias conhecidas do período em questão, torna-se confiável sempre levando em consideração alguns erros, exageros e não esquecer de que é fruto de uma determinada época. Por outro lado, em relação a outra interrogação a resposta é, mais uma vez: Quem sabe?

Em relação as pesquisas arqueológicas realizadas no trecho em questão existem a confirmação da presença Guarani, como tornou público Igor Chmyz: “*Vários trechos do curso médio do Rio Paranapanema, entre as bôcas dos Rios Itararé e Tibagi, foram selecionados e pesquisados entre 1964 e 1966. Dos 75 sítios localizados, a maior parte apresentava características Guarani*”. (Chmyz: 1968b, p.173) Isso não significa que as pesquisas só tende a confirmar o relato histórico, pois segundo o mesmo pesquisador, existem outro sítio “*(...) a qual por suas características foi considerada como uma indústria de lascas, localiza-se no terceiro planalto paranaense, sôbre o vasto derrame de Trapp-Paraná*”. (Chmyz: 1962, p. 5). Além dessa citação, na mesma publicação, há uma detalhada descrição do material arqueológico, uma indústria lítica de “Botucatú Fritado”. Chmyz indica o pouco sinal de uso das lascas, porém explica que a ausência dessas marcas pode ser devido sua densidade elevada.

Uma outra fase arqueológica foi criada na região com isso demonstrando que não era apenas a presença Guarani, talvez por terem ocupado a região muito antes da presença

desses. Essa fase denominada de Timburi, indica a presença da tradição Umbu e o pesquisador Chmyz fornece ao público suas características e localização:

*“Os desta fase (Timburi) localizavam-se nas proximidades do Salto Grande do Paranapanema, e, mais para leste, nas encostas da escarpa basáltica que delimita o terceiro planalto paranaense, já no vale do rio Itararé. Ocupavam altas elevações (150m), afastado do rio principal (1 a 2 km)”.*

**(Chmyz: 1969a p. 15)**

Apesar de estar um tanto afastado da rota de Cabeza de Vaca, torna importante a descrição da mesma, pois como é conhecido, os nativos da América são nômades e aqueles que aparentemente não são cobriam vasta área como captação de recursos, como por exemplo a caça, pesca e alguma coleta. O já mencionado pesquisador, descreve ainda o material arqueológico encontrado:

*“O arenito fritado foi a matéria-prima utilizada quase que exclusivamente para a elaboração de artefatos. Esta matéria-prima foi retirada dos inúmeros diques existentes nas proximidades. Os artefatos mais típicos foram elaborados sobre lascas espessas ou núcleos. Destacam-se os raspadores plano-convexos, que possuem uma fase plana ou levemente encurvada e a outra carenada. Pequenas lascamentos por*

*percussão reforçaram a sua periferia*". (Chmyz: 1969a p. 16)

Além de nos demonstrar um pouco da vida desses habitantes da América, é importante de se destacar que mesmo esses grupos que estão localizados tão longe do contato com os europeus, podem ter sua contemporaneidade com os Guaraní, ou até mesmo com os provenientes do velho mundo. Com isso, não significa que esse grupo descrito por Chmyz teve contato com o europeu, porém é de ser levada em consideração essa hipótese, pois é sabido que mesmo em épocas posteriores ao século XVI, ainda existiam índios que não eram horticultores e nem aldeões.

Finalmente encerrando a sua longa jornada por terra no território americano Cabeza de Vaca deixa as seguintes palavras para os seus leitores *"foi Nosso Senhor Servido de que ás nove horas da manhã de um Sábado, aos onze dias do mês de março de 1542, o governador e sua gente chegassem à cidade de Ascensión, que está assentada na ribeira do rio Paraná, a vinte e cinco graus da banda sul"*. (Cabeza de Vaca: 1999, p.173) Cerca de trinta dias após a chegada de Cabeza da Vaca, entraram os outros europeus que seguiam de balsa desde o rio Piqueri. Estes se encontrava, doentes e feridos por isso é que tiveram a oportunidade de seguirem pelo rio.

Importante de ser destacado, são os relatos que esses homens fazem ao governador Cabeza de Vaca. Dizem que foram, por quatorze dias consecutivos perseguidos e atacados pelos índios. Desses relatos alguns questionamentos são levantados, como por exemplo, em relação ao comportamento dos índios seria o mesmo que anteriormente descrito por Cabeza

de Vaca que foi tratados com grande benevolência? Seriam outros grupos de índios que atacavam, pois esses não aceitavam a presença branca? Essas questões provavelmente não terão uma solução definitiva devido a falta de informação e como esses relato foi feito pelos espanhóis, que estavam em minoria, seria também uma forma de valorizar a sua presença nas terras americanas. Este que questão levantada e de uma resposta pouco esclarecedora indica mais um limite dessa pesquisa em meio a tantas possibilidades.

### **Considerações Finais:**

O ponto de partida do presente estudo, foi a contextualização de seres humanos inseridos em um longo processo histórico, porém com uma distância temporal muito grande entre eles, buscando o dessas visões proporcionando uma reconstituição do passado platino. Esse encontro de fontes está sujeita a diferentes pontos de vista e que nem sempre haverá uma sincronia. Por isso, as diacronias serão uma constante, pois um pesquisador do século XX, terá uma visão diferenciada daquele conquistador do século XVI.

Essas diferenças não são somente devido a distância temporal entre eles, mas sim, o tipo de olhar de um cientista será bem adverso em relação ao vivenciado por uma pessoa da época em questão. O pesquisador terá objetivos traçados e questões a serem respondidas e, com isso, hipóteses a serem levantadas e sustentadas. Em contrapartida, um ser humano do século XVI tem como objetivo manter-se vivo perseguindo seus interesse materiais, espirituais e coisas do gênero.

Contudo existem alguns pontos que são passíveis de comprovação científica, em contrapartida, durante o estudo surgiram aqueles que não possuem respostas mas sim dúvidas a serem pesquisadas. Em primeiro lugar, inicia-se com os pontos levantados que podem, como qualquer outro, serem questionados, porém no decorrer dessa pesquisa foram respondidas.

Os acontecimentos descritos, contribuíram para a identificação de um “estrangeiro” não espanhol em meio a tanta disputa política. A aproximação de Schmidell com esse ou aquele grupo perpassa aos critérios estabelecidos, pois tanto de um lado quanto de outro tratam-se de cristãos e súditos do mesmo rei. Pelo que pode ser denotado, as diferentes circunstâncias fez com que Schmidell se identifique com o grupo de apoio a Irala devido a diferença de comando, ou ainda, pela simples não aceitação de Cabeza de Vaca por não ser um companheiro de viagem sendo colocado impositivamente por Carlos V.

Em meio a tantas discrepâncias, existem pontos em comuns nas expedições do século XVI que são o metalismo, a cristandade e a noção de súdito. O metalismo assim como a mão-de-obra devido a visão espanhola sobre a América, a cristandade como pessoas que entendem, defendem a religião histórica e geograficamente e por fim, a noção de súdito ao mesmo rei pois os hispânicos viam Carlos V com Carlos I de Castilla y Aragón, enquanto que, os alemães o tinham como Imperador do Sacro Império Romano Germânico.

Enquanto ao sentimento religioso católico de Schmidell deixam indicações desse ser como um fator de identificação com meio em que está inserido tanto que ao retornar a sua cidade natal (Straubing) converte-se ao luteranismo. Schmidell, porém, continua sua auto afirmação em Regensburg a aproximadamente 50 quilômetros de Straubing pois essa era um reduto luterano em meio aos católicos. Essa decisão da conversão pode ser como auto afirmação, pela negação, devido ao trabalho realizado na América como católico não querendo assim ser visto na Europa por causa das atrocidades por eles cometidas na América.

Schmidell ainda deixa pistas de uma noção que lhe é presente no que diz respeito a organização política de uma sociedade. Schmidell ao se referir a somente alguns grupos como nação deixando outros de lado mostra a sua definição sobre. Todo aquele grupo indígena que possuía liderança estabelecida com sinais bem marcado de prestígio e de símbolos de poder recebia a definição de nação e o governante por Schmidell era chamado de rei. Isso não significa que a partir desse conceito possa ser feita uma analogia de todo o século XVI, mas sim é uma pequena mostra conceitual de um homem quinhentista.

Conforme foram relatos os contatos, nomes de grupos foram mencionados (principalmente por Schmidell) sendo pouco conhecidos pela etnologia e pela arqueologia. Por serem grupos aparentemente nômades não serão vistos por outros conquistadores, outro fato importante é que a cultura material se repete muito de acordo com o relato, com isso, pode-se mencionar que esses grupos sempre mantiveram contato entre eles, porém não se sabe que maneira, devido a falta de fontes que possam ser esclarecedoras.

Durante o presente estudo, ficou explícito as modificações nos métodos e conceitos científicos principalmente quanto ao comentário realizado pelo pesquisador Rohr. Nos dias atuais, divulgar as expressões “grau de cultura de um povo” seria um bom motivo de desconsideração, por parte do meio acadêmico, sem antes realizar uma exaustiva pesquisa conceitual sobre o assunto. Isso em parte se explica devido a constante criação e discussão de conceitos que os pesquisadores atuais realizam sobre a ciência a qual atuam. Porém, o pesquisador anteriormente citado, fica admirado com a “suave beleza” da “arte primitiva” retirando a idéia de que tudo que é “primitivo” não possui o seu encanto de beleza.

Finalmente, a partir de então serão colocados aqueles pontos que nessa pesquisa, por diferentes motivos, ficaram sem respostas sendo isso uma mostra dos limites que o presente estudo encontrou. Acredita-se, que dessa maneira, é mais uma contribuição para a ciência, pois podem vir a ser motivos de futuras pesquisas.

Esses questionamentos tanto podem ser pesquisados e respondidos por diferentes áreas do conhecimento. Ou então em pesquisas interdisciplinares sobre uma área geográfica determinada. Cabeza de Vaca, assim como Ulrich Schmidell, deixaram seus relatos para a posteridade, porém foram feitos de memória. O que poderá nos garantir a precisão dos acontecimentos? Não apenas isso, pois a maneira com que foi escrito relata, de certa forma, como era a visão de mundo da época tanto que não é idêntico o relato de contato entre os mencionados autores do século XVI. Um estudos da história das idéias e mentalidades do século XVI, poderão responder a essa questão.

Quando é mencionado o surgimento e o uso das boleadeiras, por que não incluir os índios Querandies? O que separa os Charruas dos Querandies, territorialmente falando, são apenas as margens dos rios Paraná, Uruguai e o Rio da Prata que são facilmente transpassados por eles? Desse contato entre as etnias não iriam haver trocas? O legado do uso das boleadeiras seria mais um assunto que possivelmente a ciência arqueológica e etnológica, através de seus pesquisadores, hão de encontrar soluções.

No caso dos índios Quiloazas, descritos por Schmidell, são falantes da mesma língua que os Timbús, possuem as mesmas estrelinhas azuis no nariz e vivem a trinta léguas da ilha dos Curendas, na margem esquerda do rio Paraná. Mais uma vez são reafirmadas os

questionamentos sobre o domínio de um grupo indígenas sobre outro na região platina. Isso nos remete a uma discussão bastante extensa, pois como definir culturas a partir dos vestígios materiais, e também, em que medida uma língua servirá como difisor de águas entre as culturas?

Ao colocar os resultados das pesquisas arqueológicas sobre os Guaranis não afirmou-se que foi esses os Guaranis que Cabeza de Vaca teve contato. Infelizmente, não há como (até então) precisar com provas plausíveis tal confirmação. Porém o que se pode com certeza mencionar é que houve o contato entre os europeus e os Guaranis da região do vale do rio Ivaí no qual é confirmado pelo relato histórico, e que arqueologicamente falando, essa região também é conhecida como área de domínio Guarani. Agora se essas duas fontes utilizadas estão se referindo ao mesmo grupo de pessoas não se tem certeza, porém com uma ampliação no uso das fontes, assim como novos conhecimentos em arqueologia de campo pode-se ter alguma certeza, ou várias certezas.

Os índios que estavam próximos a cidade de Assunción já estavam praticamente vivendo ao molde europeu, tendo levado em consideração ao fato de que falavam a língua do velho mundo. Evidentemente que, para realizar tal afirmação levando-se em conta apenas uma variável será motivo de muita discussão e provavelmente um certo descrédito pelo meio científico acadêmico atual. A discussão iria iniciar com uma contestação do conceito de cultura, para assim se dizer, que se trata de um processo de aculturação.

Assim outras dúvidas surgirão como por exemplo: 1) o relato de Cabeza de Vaca e Ulrich Schmidell é verídico levando-se em conta que foi escrito de memória? 2) o que pode

garantir que mesmo falando o idioma dos espanhóis os índios deixaram de praticar rituais, fabricar de utensílios, fazer horticultura conforme a sua maneira e por conseguinte a sua cultura? Assim como tantas outras.

Existem inúmeras respostas para essas dúvidas, pois a ciência que está em constante construção pode deixar claro algumas dessas interrogações. Porém se trata de um assunto a ser pesquisado acredita-se que já como o relatos dos autores em questão são duas das poucas fontes primárias conhecidas do período em questão, torna-se confiável sempre levando em consideração alguns erros, exageros e não esquecer de que é fruto de uma determinada época. Por outro lado, em relação a outra interrogação ainda não possui solução.

Existem diferentes classificações arqueológicas e datações sobre os Guarani sendo essas um dos motivos de divergências. Sobre esse grupo pouco é referido o uso e manuseio e confecção de material lítico. Neste caso, dúvidas surgem devido a maneira de vida desses índios e suas ferramentas para a manutenção de sua subsistência, sendo que inclusive nas reduções jesuíticas existe a presença desse tipo de material. Por assim dizer lítico guarani, é proveniente do contato com outros grupos?

Durante os relatos dos autores quinhentistas um mesmo grupo indígena perseguiu e atacou uma expedição, enquanto que a outra os brancos foram muito bem tratados. Seriam outros grupos de índios que atacavam, pois esses não aceitavam a presença branca? Essas questões provavelmente não terão uma solução definitiva devido a falta de informação e como esses relato foi feito pelos espanhóis, que estavam em minoria, seria também uma

forma de valorizar a sua presença nas terras americanas. A questão levantada é uma resposta pouco esclarecedora indica mais um limite dessa pesquisa em meio a tantas possibilidades podendo ser pesquisa, analisada e respondida de forma mais satisfatória.

Até então essa são questões e sugestões que o presente estudo demonstrou, com isso, acredita-se que esse tipo de informações serão de futuras realizações no campo científico. Porém existem nessa pesquisa apresentada, algumas permanências que são a união de fontes distintas com temporalidades distintas para a reconstituição do passado da região platina revelando as luzes e as trevas ainda existentes sobre o tema em questão, evidentemente passível de contestações mas contribuindo a construção de novos conhecimentos e a revisão de antigos tornando rica a pesquisa científica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- AGUIRRE, J. Francisco **Discurso Histórico que Comprende el Descubrimiento, Conquista y Establecimiento de los Españoles en las Provincias de la Nueva Vizcaya, Generalmente Conocidas por el Nombre de Rio de la Plata.** Buenos Aires: Espasa-Calpe S.A, 1917.
- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza **A Faiança Portuguesa dos Séculos XVI á XVII em Vila Flor, RN.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.

ÁLVAREZ, Manuel Fernández **Carlos V el Rey de los Encomenderos Americanos**

Madrid: Ediciones Anaya S.A, 1988.

ARCINIEGAS, Germán **Los Alemanes en la Conquista de América** Buenos Aires:

Editorial Losada S.A, 1941.

BECKER, Ítala Irene Basile **O Que Sobrou dos Índios Pré-Históricos do Rio**

**Grande do Sul.** In: KERN, Arno (Org) **Arqueologia Pré-Histórica do Rio**

**Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, p.331-356, 1997.

BETHELL, Leslie **História da América Latina volume II América Latina**

**Colonial.** São Paulo: Edusp, 1999.

**Biblioteca de Autores Españoles desde la Formacion del Linguaje Hasta**

**Nuestros Dias. (Continuación) Cartas de Índias vol.II, Tomo CCLXV.** Madrid:

Ediciones Atlas, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues **Identidade e Etnia Construção da Pessoa e**

**Resistência Cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BENITEZ, Luis E. **Historia del Paraguay Epoca Colonial.** Asunción: Imprenta

Comuneros S.A, 1985.

BROCHADO, José P. **Contatos entre Europeus e Indígenas; um Estudo da**

**Aculturação Através das mudanças na Cultura Material.** Porto alegre:

Separata da Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

BROCHADO e SCHMITZ **Petroglifos do estilo de pisadas no Rio Grande do Sul.**

Estudos Ibero Americanos v.II, n.1, p.93-148, Porto Alegre, 1976.

BROCHADO, José P. **Alimentação na Floresta Tropical.** Porto Alegre: IFCH-

UFRGS, 1977

BURKE, Peter A **Escrita da História Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAGGIANO, Maria Amanda **Prehistoria del N.E. Argentina sus Vinculaciones com la Republica Oriental del Uruguay y Sur del Brasil**. Pesquisas Antropologia n° 38, Instituto Anchieta de Pesquisas, p.22-60, 1984.

\_\_\_\_\_ **Los Ribereños Plásticos del Delta del Paraná**. Revista do CEPA Anais da 5° reunião científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. vol.17, n° 20, Setembro, p. 415-435, 1990.

\_\_\_\_\_ **Los Querandies: Grupo Fantasma?** Arqueologia en el Uruguay: 120 años Despues VIII Congresso Nacional de Arqueologia Uruguaya. Montevideo: Surcos srl, p. 236-245, 1995.

CARDOZO, Efraim **El Paraguay Colonial las Raices de la Nacionalidad**. Buenos Aires: Edicionez Nizza, 1954.

CARRARA, M.T. **Arqueologia de las Relaciones Sociales en Santa Fe la Vieja**. Actas Segunda Conferencia Internacional de Arqueologia Historica Americana. Colombia: TSCIAA, n.1, p.39-56, 1996.

CARRARA y DE GRANDIS **El Proceso de Articulación Social en Santa Fe la Vieja Visto a Través del Registro Arqueológico**. Reflexiones sobre el V Centenario. Rosário: UNR, p. 143-153, 1992.

CERUTI, C.N. **Evidencias del Contacto Hispano-indígena en la Ceramica de Santa Fe la Vieja (Cayasta)**. In: MORRESI y GUTIERRES **Presencia Hispánica en la Arqueologia Argentina**. Resistencia: n.2, p. 487-519, 1983.

CHAVES, Julio Cesar **Descubrimiento y conquista del Rio de la Plata y el Paraguay. Vol. 1 de la Historia General del Paraguay.** Asuncion: Ediciones Nizza, 1968.

CHMYZ, Igor **Notpicias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense.** Pesquisas Antropologia nº 13, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1962.

\_\_\_\_\_ **Considerações Sôbre Duas Novas Tradições Ceramistas Arqueológicas no Estado do Paraná.** Pesquisas Antropologia nº 18, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia do Prata, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.115-127, 1968a.

\_\_\_\_\_ **Novas Perspectivas da Arqueologia Guarani no Estado do Paraná.** Pesquisas Antropologia nº 18, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia do Prata, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.171-189, 1968b.

\_\_\_\_\_ **Comentários Sôbre as Culturas Pré-Cerâmicas no Estado do Paraná.** Pesquisas Antropologia nº 20, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.13-24, 1969a.

\_\_\_\_\_ **Novas Manifestações da Tradição Itararé no Estado do Paraná.** Pesquisas Antropologia nº 20, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.121-129, 1969b.

CIGLIANO, Eduardo Mario **Investigaciones Arqueológicas en el Rio Uruguay Medio y Costa N.E. de la Provincia de Buenos Aires.** Pesquisas Antropologia nº 18, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia do Prata, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.5-12, 1968.

CORDERO, Serafín **Los Charrúas Síntesis Etnográficas y Arqueológica de Uruguay.** Montevideo: Editorial Mentor, 1960.

DECHMANN, Eliane Cristina **O Imaginário dos Séculos XVI e XVII Suas Manifestações e Alterações na Prática Missionária Jesuítica.** As Missões depois da Missão. IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários. UNIJUÌ, p. 124-139, Campos de Santa Rosa – RS, Outubro de 1991.

DIAS, Carlos Malheiros, GAMEIROS, Roque, VASCONCELLOS Ernesto de **História da Colonização Portuguesa do Brasil. Edição Monumental Comemorativa do 1º Centenário da Independência do Brasil.** Porto: Litografia Nacional, 1923.

DIAS, J.S.da Silva **Os Descobrimentos e a Problemática Cultural do Século XVI.** Lisboa: Editorial Presença, 1982.

DRIJARD, André **Alemanha Panorama Histórico e Cultural.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1971.

ECO, Umberto **Como Se Faz Uma Tese. Metodologia.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

FALCADE e BACHI **A Cartografia da Ocupação Européia no Espaço Platino – Século XVI a XVII.** Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários UNIJUÌ, p. 401-417, Campos Santa Rosa, 1994.

FLORES, Moacyr **Negros e Índios Literatura e História.** Porto Alegre: Edipucrs, p. 42, 1994.

FUNARI, Pedro P.A. **Arqueologia.** São Paulo: Ed. Ática, 1988a.

\_\_\_\_\_ **Reflexões Sobre a mais Recente Teoria Arqueológica.** Revista do Depto. de História do ILHP de Assis da UNESP, p. 203-209, São Paulo, 1988b.

\_\_\_\_\_ **A Arqueologia Histórica no Brasil.** B.C.M.U. v.16, n.12, Campinas, 1994.

\_\_\_\_\_ **O Amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial.**

Revista de História 135, p. 163-168, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_ (org) **Cultura Material e Arqueologia Histórica.** Campinas:

UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

FURET, François **A Oficina da História.** Lisboa: Grávida, 1970.

FURLONG, Guillermo **Nacimiento y Desarrollo de la Filosofía en el Río de La**

**Plata 1536-1810.** Buenos Aires: Editorial Guillermo Kraft Ltda, 1952.

\_\_\_\_\_ **História Social y Cultural del Río de la Plata 1536-1810 El**

**Trasplante Cultural: Ciencia.** Buenos Aires: TEA, 1969.

GAIBORIS, Manuel Ballesteros (org) **Viajes y Viajeros Viajes por el America del**

**Sur. Biblioteca Indiana vol.IV.** Madrid: Aguilar, 1962.

GOMES, Mercio Pereira **Os Índios e o Brasil Ensaio Sobre um Holocausto e**

**Sobre um Nova Possibilidade de Convivência.** Petrópolis: Vozes, 1991.

**Grandes Personagens da Nossa História Mapas Históricos Brasileiros.** São Paulo:

Abril Cultural, 1970.

GUIMARÃES, José Pinto **O Paraguai.** Lisboa: Livraria Bertrand, 19?

HAYES, Carlton J. H. **Historia Política y Cultural de la Europa Moderna: Tres**

**Siglos de Sociedad Predominantemente Agrícola 1500-1830.** Barcelona:

Editorial Juvenrud, 1946.

HEBERTS, Ana Lucia **Os Mbayá-Guaicurú: Área, Assentamento, Subsistência e**

**Cultura Material.** São Leopoldo: Unisinos (Dissertação de Mestrado), 1998.

HILBERT, Klaus **Aspectos de la Arqueología en el Uruguay.** Mainz: Verlag

Philipp von Zabern, 1991.

\_\_\_\_\_ **Arqueologia Pré-Histórica do Uruguai: Uma Revisão.** Estudos Ibero-americanos v.20, n.1, p. 137-162, 1994.

IBÁÑEZ, José Luis Cosmelli **História de la Cultura Argentina.** Buenos Aires: El Ateneo, 1992.

KERN, Arno Alvarez **Paleopaisagens e Povoamento Pré-Histórico do Rio Grande do Sul.** Estudos Ibero-americanos v.VIII, n.2 p.153-208, Porto Alegre, 1982.

\_\_\_\_\_ **Descoberta e Colonização da América: Impactos e Contatos Entre as Sociedades Indígenas e Européias.** Anais do I Encontro Internacional de Cultura Ameríndia. Comissão 500 Anos da Descoberta da América. p. 9-16, URI – Campus de Santo Ângelo, 1992.

\_\_\_\_\_ **Cultura Européia e Indígena no Rio da Prata nos Séculos XVI-XVIII.** Estudos Ibero-americanos v.19, n.2 p.5-18, Porto Alegre, 1993.

\_\_\_\_\_ **Pesquisas Arqueológicas nas Missões Jesuítico-Guarani (1984-1994).** Estudos Ibero Americanos v.20, n.1, p.63-106, Porto Alegre, 1994.

\_\_\_\_\_ **Antecedentes Indígenas.** Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1994.

\_\_\_\_\_ **Aspectos Teóricos e Metodológicos da Arqueologia Histórica do Rio da Prata.** Arqueologia en el Uruguay: 120 años Despues VIII Congresso Nacional de Arqueologia Uruguaya. Montevideo: Surcos srl, p. 17-22, 1995.

\_\_\_\_\_ **O Papel das Teorias como Instrumental Heurístico para a Reconstituição do Passado.** Porto Alegre: Revista Histórica, Vol.1, p.7-22, 1996.

\_\_\_\_\_ (Org) **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

\_\_\_\_\_ (Org) **Arqueologia Histórica Missioneira.** Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

- LACALLE, Carlos **Noticia Sobre Alvar Nuñez Cabeza de Vaca Hazañas Americanas de un Caballero Andaluz.** Madrid, Coleccion Nuevo Mundo Instituto de Cultura Hispanica, 1961.
- LARA, Eduardo F. Acosta y **Los Chana-Timbues en la Banda Oriental.** Montevideo: Apartado de Anales del Museo de Historia Natural, 1956.
- LARA, Manuel Tuñon de (Org) **Historia de España. La Frustración de un Imperio (1476-1714).** Barcelona: Labor, 1984.
- LA SALVIA, Fernando **Resumo das Pesquisas Arqueológicas no Planalto-Rio Grande do Sul.** Pesquisas Antropologia nº 18, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia do Prata, Instituto Anchietano de Pesquisas, p.101-113, 1968.
- LE GOFF, Jacques **La Chrétienté, une Ideé Neuve? L`Histoire,** nº 220, Abril, p.8-12, 1998a.
- LE GOFF, Jacques (org). **A História Nova. (O Homem e a História).** São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- LEITE, Serafim **Antônio Rodrigues, Primeiro Mestre-Escola de São Paulo (1553-54).** Lisboa: Separata da Revista Brotéria vol. LV. Fasc.4, p. 1-6, Outubro de 1952.
- LEITE, Serafim **Cartas do Brasil e mais Escritos do Pe. Manuel da Nóbrega (Opera Omnia).** Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.
- LOTHROP, Samuel **Kirland Indians of the Paraná Delta, Argentina.** New York: Annals N.Y. Acad. Sci., vol.XXXIII, Pls II-XXVII, p.77-232, 1932.
- MAACK, Reinhard **Geografia Física do Estado do Paraná.** Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo da Estado de Paraná, 1981.

- MILDER, Saul Eduardo Seiguer **Pesquisas Arqueológicas na Região Platina.** Sociais e Humanas/ Centro de Ciências Sociais e Humanas. UFSM, v.9, n.2-3, p.81-103, Santa Maria, 1994.
- MORRESI, Eldo S. e GUTIÉRREZ, Ramón (org) **Presencia Hispanica en la Arqueologia Argentina. 2 volumes.** Resistencia: Talleres Gráficos de la Dirección de Impresiones de la Universidad Nacional del Nordeste, 1983.
- NASCIMENTO, Mara Regina do **Antropologia e História: Redimensionamento de Paradigmas e Convite a Congregação Festiva** Estudos Ibero Americanos, v.XXVIII, nº1, p. 143-154, 1997.
- NEETZOW, Anselmo Alves **Bacia Platina nos Anos de 1534 à 1554: Schmidell e os Índios no Encontro de Culturas Sobre o Mesmo Território.** Porto Alegre: PUCRS, (Monografia de Bacharelado)1999.
- NIMUENDAJU, Curt **Mapa Etno-Histórico.** São Paulo: IBGE, 1981.
- NOELLI, Francisco Silva **Os Jê do Brasil Meridional e a Antigüidade da Agricultura: Elementos da Lingüística, Arqueologia e Etnografia.** Estudos Ibero-americanos v.XXII, n.1 p.13-26, Porto Alegre, 1996.
- OLIVERA CESAR DE GARCI ARIAS, L **Ceramica Española Americana y Porcelana Oriental en Santa Fe la Vieja.** America, n.4, p. 123-138, 1985.
- POUTIGNAT e STREIFF-FENART **Teorias da Etnicidade Seguindo de Grupos Étnicos e Suas Fronteiras de Fredrik Barth.** São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1998.
- PROUS, André **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Editora UnB, 1992.
- RAHTZ, Philip **Convite à Arqueologia.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.

RIBEIRO, João Coelho Gomes **Ulrich Schmidel Notícias Biographica**. Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, nº 10, p.29-38, São Paulo, 1905.

ROHR, João Alfredo **Pesquisas Paleo-Etnograficas na Ilha de Santa Catarina**. Pesquisas nº 3, Instituto Anchietano de Pesquisas, p.199-266, 1959.

\_\_\_\_\_ **O Sítio Arqueológico de Alfredo Wagner. S.C – VI – 13**. Pesquisas Antropologia nº 22, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1967.

\_\_\_\_\_ **Achados Arqueológicos em Itapiranga**. Pesquisas Antropologia nº 18, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia do Prata, Instituto Anchietano de Pesquisas, p.47-53, 1968.

\_\_\_\_\_ **Os Sítios Arqueológicos do Município Sul-Catarinense de Jaguaruna**. Pesquisas Antropologia nº 22, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1969.

\_\_\_\_\_ **Os Sítios Arqueológicos do Planalto de Santa Catarina**. Pesquisas Antropologia nº 24, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1971.

SACK, Robert **El Significado de Territorialidad**. In: PEREZ HERRERO, P. (Comp.) **Región e Historia en México (1700-1850). Métodos de Análisis Regional**. Universidade Autónoma Metropolitana Instituto de Investigaciones Dr. José María Mora, p.194-204, México, 1991.

SANCHEZ QUELL, H. **Estructura y Funcion del Paraguay Colonial**. Asuncion: Libreria Comuneros, 1981.

SANTAS, Corcino de Medeiros dos **O Comércio Hispano-Lusitano do Rio da Prata, na Crise do Sistema Colonial**. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v.XV, n.2, Porto Alegre, 1989.

SCHALLENBERGER, Ernesto **Conflitos Coloniais e as Missões: Uma Avaliação das Estruturas Sócio-Econômicas do Paraguai (Séculos XVI e XVIII)** Estudos Ibero Americanos, v.X, n° 2, p.69-81, 1984.

SCHÁVELZON, Daniel **Arqueología de Buenos Aires.** Buenos Aires: Emecé Ediciones, 1999.

\_\_\_\_\_ **Arqueologia e História del Cabildo de Buenos Aires: informe de las excavaciones (1991-1992).** Historical Archaeology in Latin America, n.8, The University of South Carolina Columbia, S.C, 1995.

SCHMIDEL, Ulrico **Relatos de la Conquista del Rio de la Plata y Paraguay 1534-1554.** Madrid: Alianza Editorial, 1986.

\_\_\_\_\_ **Viaje al Río de la Plata.** Buenos Aires: Emecé Editores S.A, 1945.

\_\_\_\_\_ **Abenteuer in Südamerika 1534 bis 1554.** Leipzig: F.A.Brockhaus, 1922.

\_\_\_\_\_ **Reise nach Südamerika in den Jahren 1534 bis 1554.** Tübingen: Gedruckt für den Litterarischen verein in Stuttgart, 1889.

SCHMITZ, Pedro Ignacio A **Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea.** Pesquisas n° 3, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.267-325, 1959.

\_\_\_\_\_ **Estratégias Usadas no Estudo dos Caçadores do Sul do Brasil. Alguns Comentários.** Pesquisas Antropologia n° 40, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.75-97, 1985.

SCHMITZ e BECKER **Uma Indústria Lítica de Tipo Alto-Paranaense Itapiranga, SC.** Pesquisas Antropologia n° 18, Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia do Prata, Instituto Anchietao de Pesquisas, p.21-46, 1968.

**Segunda Conferencia Internacional de Arqueologia Historica Americana. Actas**

**1,2 e 3.** Historical Archaerology in Latin America, n.14, n.15 e n.16, The University of South Carolina Columbia, S.C, 1996.

SENATORE, M.X **Tecnologias Nativas y Estrategias de Ocupación Española en**

**la Región del Rio de la Plata** Historical Archaerology in Latin America, n.11, The University of South Carolina Columbia, S.C, 1995.

SENATORE y ZARANKIN **Variabilidad Producción y Tecnologia de la**

**Ceramica del Buenos Aires Colonial.** Historical Archaeology in Latin America, n.3, p. 37-54, 1994.

SERRANO, Antonio **Los Aborígenes Argentinos.** Buenos Aires: Editorial Nova, 1947.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo **História de Portugal Volume III o Século de Ouro (1495-1580).** Lisboa: Editorial Verbo, 1980.

SILVA e NOELLI **Para uma Síntese dos Jê do Sul: Igualdades, Diferenças e**

**Dúvidas para a Etnografia, Etno-História e Arqueologia.** Estudos Ibero-americanos v.XXII, n.1 p.5-12, Porto Alegre, 1996.

SOARES, André Luis Ramos **Guarani: Organização Social e Arqueologia.** Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SOARES, Olavo **O Andarilho das Américas (Cabeza de Vaca).** Ponta Grossa:

Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1981.

STADEN, Hans **Dois Viagens ao Brasil.** São Paulo: Editora Itatiaia Ltda e Editora

da Universidade São Paulo, 1988.

- SYMANSKI, Luís Cláudio **A Louça na Pesquisa Arqueológica: Análises e Interpretações Processuais e Pós- Processuais.** Revista do CEPA, v. 20, n. 23, p. 59-76, Santa Cruz do Sul, 1996.
- TADDEI, Antonio **Un Yacimiento de Cazadores Superiores del Medio Rio Negro, Uruguay.** Pesquisas Antropologia nº 20, Instituto Anchieta de Pesquisas, p.57-78, 1969.
- THOMAS, Georg **Die portugiesische Indianerpolitik in Brasilien 1500-1640.** Bibliotheca Ibero-Americana. Berlin: Colloquium Verlag, 1968.
- TRIGGER, Bruce G. **Historia del Pensamiento Arqueológico.** Barcelona: Editorial Crítica, 1992.
- VACA, Cabeza de **Naufrágios e Comentários.** Porto Alegre: L&PM, 1999.
- VALENTIN, Veit **Historia de Alemania para los Pueblos de Habla Española.** Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1947.
- VIEIRA, PEIXOTO, KHOURY **A Pesquisa em História.** São Paulo: Editora Ática, 1988.
- WACHTEL, Nathan **A Aculturação** In: LE GOFF e NORA (Org) **História: Novos Problemas.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976, p.113-129.
- ZARANKIN, Andrés **Arqueologia Histórica Urbana en Santa Fe le Vieja: El Final del Principio.** Historical Archaeology in Latin America, n.10, The University of South Carolina Columbia, S.C, 1995.
- ZUBIZARRETA, Carlos **Capitanes de la Aventura Cabeza de Vaca el Infortunado Irala el Predestinado.** Madrid: Ediciones Cultura Hispanica, 1957.
- ZÚÑIGA, Antonio R. **El Charrúa, Novela Argentina.** Buenos Aires: El Ateneo, 1927.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)